



UC/FPCE_2010

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Género e sua influência na percepção do *stress* e *coping* familiares

Inês Isabel Antunes Oliveira (e-mail: ines-oliveira@live.com.pt)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, sub-área de especialização em Sistémica Saúde e Família sob a orientação da Professora Doutora Madalena de Carvalho

Género e sua influência na percepção do *stress* e *coping* familiares

Resumo

Diariamente, homens e mulheres vêm-se confrontados, no seio do seu sistema familiar, com eventos e acontecimentos *stressores*, tanto normativos como inesperados, aos quais visam enfrentar e responder de uma forma adaptativa, recorrendo, para tal a diversas estratégias de *coping*. Para estudar a influência do género na percepção do *stress* e *coping* familiares procedeu-se à aplicação do Inventário Familiar de Acontecimentos e Mudanças de Vida (FILE) e da Escala de Avaliação Pessoal Orientadas para a Crise em Família (F-COPES) a uma amostra de 587 sujeitos (400 do género feminino e 187 do género masculino). As principais conclusões obtidas remetem para a influência do nível socioeconómico no recurso a estratégias de *coping* várias e para a inexistência de diferenças estatisticamente significativas no que concerne à percepção que homens e mulheres mantêm sobre as estratégias de *coping* utilizadas pelo seu sistema familiar. Os resultados revelaram, ainda, uma relação insignificante entre a percepção da vulnerabilidade familiar ao *stress* e o recurso a estratégias de *coping*.

Palavras-chave: Percepção do *stress*, Estratégias de *Coping*, género, sistema familiar.

Gender and its influence in the perception of family stress and coping

Abstract

Daily, men and women are confronted in the middle of their family by some stressful events. These events can be normative and unexpected and they demand an adaptive form of response and for so, several coping strategies are used. To study the influence of gender in the perception of family stress and coping, this investigation applied two specific tools. Family Inventory of Life Events and Changes (FILE) and Family Crisis Oriented Personal Evaluation Scale (F-COPES) were used with a sample of 587 subjects (400 women and 187 men).

The main conclusions obtained, indicate that the social and economical status has influence in the choices of several different strategies and it also shows us that there are no statistically significant differences between the perception that men and women have about the coping strategies used in their family system. The results also revealed that there is an insignificant relation between the perception of family vulnerability to stress and the appeal to coping strategies.

Key Words: Stress perception, coping strategies, gender, family system.

Agradecimentos

Chegado este momento em que uma importante etapa termina, importa lembrar e agradecer a todos aqueles que possibilitaram a sua concretização...

À Professora Doutora Madalena de Carvalho Lourenço, pela orientação, apoio, motivação e pelo “colinho” que sempre me disponibilizou.

À Professora Doutora Isabel Alberto, por, durante todo este ano, tão bem nos soube guiar, esclarecer, auxiliar e validar.

À Professora Doutora Madalena Alarcão, por me ter mostrado o fascínio da perspectiva Sistémica.

Aos meus pais, por todo o amor, apoio, sacrifícios, dores, alegrias, lágrimas, sorrisos e infinitas saudades. Porque só Deus sabe o esforço que fizeram e fazem para que eu nunca desistisse ou desista e porque só Ele sabe o que passamos com a distância...

Ao meu irmão, por seres, como sempre te digo, o MAIOR! Que tu, eu, e sobretudo nós, nunca mudemos!

A ti Luís, por tudo o que és... por tudo o que me dás... por me “saberes de cor”... por tudo o que fomos, somos e (tenho a certeza) que ainda seremos...

À Catarina, por ter sido a melhor colega neste ano de trabalho e por se ter revelado uma tão boa amiga.

Às meninas e menino do meu coração: Ana, Elisabete, Marta, Marta G., Sónia e Rui, por todas as palavras e silêncios, presenças e ausências, gargalhadas e lágrimas, compreensão, preocupação e descobertas... Porque a amizade é feita de todas essas pequenas peças que vocês (cada um à sua maneira) me foram mostrando. Os momentos passaram, as saudades vão ficar, mas as recordações e aquilo que nos une vão manter-se...

A esta cidade que tanto aprendi a amar e que me mostrou o melhor e o pior lado da vida. Porque viver aqui me tornou uma pessoa melhor...

A todos vós, e a todos os outros que, de uma ou de outra forma, me ajudaram a estar aqui e a ser quem sou (mas para quem este espaço não chegaria), o meu mais sincero obrigada!

“Posso ter defeitos, viver ansioso e ficar irritado algumas vezes, mas não esqueço de que a minha vida é a maior empresa do mundo. E que posso evitar que ela vá à falência. Ser feliz é reconhecer que vale a pena viver, apesar de todos os desafios, incompreensões e períodos de crise. Ser feliz é deixar de ser vítima dos problemas e se tornar um autor da própria história. É atravessar desertos fora de si, mas ser capaz de encontrar um oásis no recôndito da sua alma. É agradecer a Deus a cada manhã pelo milagre da vida. Ser feliz é não ter medo dos próprios sentimentos. É saber falar de si mesmo. É ter coragem para ouvir um "não". É ter segurança para receber uma crítica, mesmo que injusta...

Pedras no caminho? Guardo todas, um dia vou construir um castelo."

Fernando Pessoa

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento conceptual.....	1
II - Objectivos	10
2.1. Objectivos gerais	10
2.2. Objectivos específicos	11
III - Metodologia	12
3.1. Caracterização da amostra.....	12
3.2 Instrumentos	12
3.3. Procedimentos de investigação	15
3.4. Procedimentos estatísticos	16
IV - Resultados	18
V – Discussão	23
VI - Conclusões.....	32
Bibliografia	32

Introdução

Amplamente estudado, o conceito de *stress* relaciona-se intimamente com a forma como o indivíduo percebe as exigências com que se vê confrontado, surgindo, de acordo com McGrath (1970, como citado em Mikhail, 1985) quando este se antecipa como incapaz de responder às mesmas de forma adequada e adaptativa. Para que essa resposta possa ser dada, revela-se essencial recorrer às estratégias de *coping*, como forma de confrontar e, se possível, ultrapassar as dificuldades com que se depara. Não sendo um traço de personalidade, a opção por uma estratégia de *coping* em particular está intimamente relacionada com o contexto *stressante* vivido, não existindo uma resposta mais ou menos adequada para cada situação (Folkman, Lazarus, Dunkel-Schetter, DeLongis & Gruen, 1986). No entanto, se vários são os estudos que visam perceber a relação entre *stress* percebido a nível individual e as estratégias de *coping* utilizadas em função do mesmo, mais escassa é a investigação realizada em termos familiares. Constantemente exposto a inúmeros desafios causadores de *stress* (normativos ou inesperados), o sistema familiar vê a sua homeostase ser abalada, tendo que gerir os eventos ou ocorrências *stressantes*, como forma de minimizar os efeitos negativos que estes podem ter, não só na unidade familiar mas também nos elementos que constituem esse sistema (Boss, 1988, como citado em Olson, et al., 2003).

Atendendo à perspectiva de Goldenberg e Goldenberg (2007), a experiência da vida familiar por homens e mulheres tanto pode ser semelhante como distinta, o que nos remete para as finalidades deste estudo. Assente na perspectiva dicotómica de género que distingue largamente elementos do género feminino e do género masculino, pretendemos estudar a influência que ser homem ou mulher pode exercer na perspectiva dos sujeitos acerca da vulnerabilidade do seu sistema familiar ao *stress* e do recurso da família a determinadas estratégias de *coping*. Neste sentido, visamos testar não só a variável género, como também outros factores sócio-demográficos como a idade, o nível socioeconómico, o estado civil, o local de residência e a etapa do ciclo vital vivenciada pelo sistema familiar, cruzando-os, ao mesmo tempo. Não tendo conhecimento de outros estudos que se debrucem sobre estes aspectos, não possuímos dados com que possamos estabelecer um paralelismo imediato.

I – Enquadramento conceptual

Somerfield e McCrae (2000) iniciam um artigo referindo que, durante as duas décadas anteriores, se verificou um extraordinário aumento no estudo sobre os fenómenos de *stress* e *coping*. Passada uma nova década, este é um facto que se continua a constatar. Introduzindo ambos os conceitos numa base de dados, inúmeros são os resultados obtidos, encontrando-se estudos sobre as mais diversas temáticas. Aldwin (2007) realça, neste sentido, que os construtos de *stress* e *coping* se revestem de importância a distintos níveis, não só no que se relaciona com os modelos de adaptação

psicossociais e biomédicos mas também devido ao interesse intrínseco que espoletam, e que é causa e efeito duma crescente atenção por parte da sociedade em geral (patente na difusão dos *media*).

De acordo com Vaz Serra (1999) apesar do contributo de diversos autores para a introdução do conceito de *stress*, este apenas foi estabelecido, de uma forma sistematizada, pelas mãos do médico e investigador Hans Selye. Em 1974, num dos seus trabalhos, este autor definiu *stress* como uma resposta corporal não específica a qualquer exigência que lhe é feita (Selye, 1985). Ainda no seu trabalho de 1999, Vaz Serra realça as conclusões obtidas por Holmes e Rahe (1976), a partir das quais o estudo do *stress* começou a fazer-se em termos de circunstâncias antecedentes que o determinam, e não apenas em função da resposta biológica que induz no indivíduo. Assim, estes autores verificaram que alguns acontecimentos têm mais probabilidade de induzir *stress* do que outros, para além de sugerirem que essas ocorrências influenciam o estado de saúde do indivíduo. Neste sentido, Vaz Serra (1999) afirma que a ocorrência de *stress* pode interferir não só com o bem-estar como com a saúde física e mental do indivíduo. Não obstante, foi, talvez, o trabalho de Lazarus – *Psychological Stress and the coping process* – que marcou uma mudança na concepção do *stress*. Assumpções fulcrais são apresentadas nesta obra, na qual se refere não existir uma situação que, por si só, possa ser reconhecida como indutora de *stress*, e se conclui que é a avaliação que a pessoa faz do acontecimento que determina que se sinta em *stress* ou não (n.d., como citado em Vaz Serra, 1999). Dá-se início, desta forma, ao estudo do *stress* numa vertente mais psicológica e não tanto biológica, que Mikhail (1985) defende serem complementares.

Lazarus (mais tarde em parceria com Folkman – autores com um grande legado, também, no estudo do *coping*) defende, então, que o *stress* surge quando o indivíduo percebe as exigências que lhe são impostas como excedendo os recursos que antecipa possuir para as enfrentar (Lazarus, 1991; Lazarus & Folkman, 1984, como citado em Matheny et al., 2002). Também McGrath (1970, como citado em Mikhail, 1985) define o *stress* como uma antecipação da incapacidade de responder adequadamente às exigências percebidas, bem como das consequências negativas advindas dessa resposta inadequada.

Barling (1990, como citado em Day & Livingstone, 2003) realça a necessidade de proceder a uma distinção entre elementos *stressores* e *stress*. Características e acontecimentos objectivos e específicos dizem respeito a elementos que podem induzir *stress*, sendo este, uma reacção subjectiva, fruto da percepção que é feita dos mesmos. Esta apreensão, sendo pessoal, depende de características individuais como o género (Day & Livingstone, 2003).

Uma vez que a temática desta tese não é a percepção do *stress* e *coping* individuais mas sim familiares, revela-se impreterível definir o conceito de “família”. Esta é caracterizada pela soma de diferentes elementos individuais que, mantendo entre si um padrão relacional e

comportamental, se regem por um conjunto de regras e funções por si definidas (Andolfi, 1980; Sampaio & Gameiro, 2005).

Não obstante, McKenry e Prince (2005) realçam que em comparação com a longa história na investigação de áreas gerais do *stress* e *coping*, o interesse teórico e clínico no *stress* e *coping* familiares, é um fenómeno muito mais recente. De acordo com Boss (2002, como citado em McKenry & Prince, 2005), o seu início remontará aos anos 30 do século passado, aquando da recuperação da Grande Depressão, na Universidade do Michigan e de Chicago, tendo sido Hill, em 1949, o primeiro autor a conceptualizar uma teoria sobre o *stress* familiar, a partir do modelo de *stress* e crise familiar ABC-X, que posteriormente será abordado.

O que é então o *stress* familiar? Para a autora Boss (2002), é definido como pressão ou tensão no sistema familiar, i.e., uma perturbação do estado de equilíbrio em que a família se encontra. De acordo com a mesma (2002), a vivência de *stress* em família ou na conjugalidade é normal e, por vezes, mesmo desejável. Esta inevitabilidade resulta do constante desenvolvimento, maturação, crescimento e mudança do indivíduo (e consequentemente da família ou do casal), sendo que, a par da mudança surge sempre alguma perturbação ou agitação, a que a autora se refere como *stress*. A família é, desta forma, sujeita a inúmeros e constantes desafios e exigências, que causam *stress* no seu seio, alguns associados a eventos positivos, outros a acontecimentos negativos (Holmes & Rahe, 1967; McKenry & Prince, 2005; Selye, 1956, como citado em Lipp & Tanganelli, 2002). Independentemente dessa valência, a família vê o seu equilíbrio homeostático ser perturbado, exigindo, assim, uma gestão do mesmo (Boss, 2002). Indo um pouco mais além, Hobfoll e Spielberger (1992), aliam distintas definições de outros autores e destacaram que o *stress* familiar pode ser definido como um estado em que cada elemento (Boss, 1987, como citado em Hobfoll & Spielberger, 1992) e a família, enquanto unidade (McCubbin & Patterson, 1982, como citado em Hobfoll & Spielberger, 1992), são desafiados pelo ambiente numa forma que ultrapassa os seus recursos individuais ou colectivos, ameaçando o bem-estar familiar.

Boss (2002) sustenta-se na definição de *stress* apresentada por Selye para explicar que o grau de *stress* familiar resulta de situações ou acontecimentos que potencialmente poderão introduzir mudança no sistema. Tal como já foi referido, o *stress* não tem por si só uma valência positiva ou negativa, dependendo esta da forma como o sistema familiar reage ao mesmo, podendo tornar-se problemática apenas quando o grau de *stress* no sistema familiar atinge um nível a partir do qual o seu funcionamento é perturbado e/ou os seus membros exteriorizam o seu descontentamento ou manifestam sintomas físicos ou psicológicos (McKenry & Prince, 2005).

Tal como Pereira (1991) e Vaz Serra (1999) referem, não existe uma definição concreta para o termo anglo-saxónico *coping*. Apesar da maior parte dos autores optar por manter a utilização do termo original, numa tradução para a língua portuguesa encontramos definições como “forma de lidar com” ou “estratégia de confronto”. Lazarus e DeLongis (1983) asseveram que as estratégias de *coping* influenciam grandemente a

capacidade adaptativa da pessoa, referindo que o ser humano raramente assume uma atitude passiva perante as situações que enfrenta. Desta forma, ou age procurando modificar o acontecimento *stressante* ou, quando nada pode ser feito nesse sentido, recorre a estratégias cognitivas (que podem passar por evitamento, racionalização, negação, reinterpretação do passado, humor, fé ou pensamento mágico), alterando o significado da situação e regulando o seu estado emocional. Já de acordo com Antoniazzi, Dell’Aglío e Bandeira (1998), pode entender-se *coping* como o conjunto de estratégias a que as pessoas recorrem como forma de se adaptarem a condições ou ocorrências adversas.

De acordo com Pereira (1991), as estratégias de *coping* apresentam funções diversas, variando estas consoante o tipo de situação perante o qual nos encontramos. Para Vaz Serra (1988, como citado em Pereira, 1991), a sua principal função é protectora. No entanto, já em 1980, Folkman e Lazarus (1996) haviam dividido o *coping* em duas categorias funcionais: *coping* focado na emoção e *coping* focado no problema. Enquanto no primeiro o objectivo principal é a regulação do estado emocional do indivíduo, o segundo tipo visa, essencialmente, a modificação da relação sujeito-ambiente, possibilitando ao mesmo lidar com a situação indutora de *stress* de forma adequada. Acresceram mais tarde que, o *coping* focado no problema é mais utilizado quando o sujeito avalia a situação como passível de ser alterada, enquanto recorre mais ao *coping* focado na emoção se percebe a mesma como inalterável ou imutável (1985, in Pereira, 1991). Vaz Serra (1999) realça a introdução de uma nova estratégia para lidar com o *stress*, pelas mãos de DeLongis e Newth (1998). Focada na interacção social, de acordo com os autores, esta estratégia visaria reduzir ou mesmo eliminar o estado emocional do indivíduo em *stress* através da procura de apoio emocional, i.e., tentando encontrar outras pessoas em quem possa confiar os seus problemas e desabafar.

Para Folkman e Lazarus (1984, como citado em Folkman, Lazarus, Dunkel-Schetter, DeLongis, & Gruen, 1986), *coping* pode ser definido como a constante alternância entre esforços cognitivos e comportamentais que permitam lidar com determinadas exigências internas e/ou externas que o indivíduo percebe como excedendo os seus recursos pessoais para a enfrentar. De acordo com os mesmos, três aspectos-chave devem ser realçados nesta definição. Em primeiro lugar, o facto de este ser orientado para o processo, o que significa que se centra naquilo que a pessoa realmente pensa e faz perante aquele acontecimento *stressante* específico, e não naquilo que costuma fazer (Folkman, Lazarus, Dunkel-Schetter, DeLongis, & Gruen, 1986). A este propósito, Pais-Ribeiro e Santos (2001) afirmam que para os autores supracitados o *coping* não pode ser visto como um traço de personalidade que, pela sua estabilidade, é aplicado às situações de vida em geral. Como segundo aspecto, Folkman e colaboradores (1986) destacam o *coping* como um processo contextual, i.e., que é influenciado pela forma como a pessoa percebe as exigências da situação, bem como os seus recursos para a enfrentar. Por último destacam que não existe bom ou mau *coping*, uma vez que a sua definição comporta apenas os esforços levados a

cabo pela pessoa para gerir a situação, quer estes se revelem frutíferos ou não (Folkman, Lazarus, Dunkel-Schetter, DeLongis, & Gruen, 1986). Neste sentido, para Pais-Ribeiro e Santos (2001), a qualidade do *coping* apenas pode ser avaliada em função de cada situação, uma vez que a utilização das mesmas estratégias pode ser adaptativa num contexto e desadequada noutro. Para Vinay, Esparbès-Pistre e Tap (2000, como citado em Costa & Leal, 2006) a eficácia das estratégias de *coping* verifica-se quando permitem ao indivíduo reduzir a tensão que o acontecimento *stressante* lhe causou, permitindo-lhe adaptar-se à situação. Ainda neste âmbito, Vaz Serra (1988, como citado em Pereira, 1991) concluiu, a partir do trabalho que desenvolveu sobre o *coping*, que uma pessoa que recorre a estratégias de *coping* adequadas é aquela que melhor controla a situação.

Sendo a resposta de *coping* uma acção intencional, física ou mental, que visa responder a um elemento *stressor* percebido e que se pode dirigir, não só, a circunstâncias externas ao sujeito como a estados internos (Lazarus & Folkman, 1984), a sua selecção é feita mediante uma avaliação cognitiva. Para Folkman e colaboradores (1986) esta avaliação é entendida como o processo através do qual o indivíduo avalia a relevância de determinada situação para o seu equilíbrio. Assim, através duma avaliação primária o indivíduo verifica “se a relação entre ele e o meio ambiente é ou não significativa” (Pereira, 1991, p.35), podendo esta ser positiva, negativa ou indiferente. Já numa avaliação secundária a pessoa procura perceber se pode fazer alguma coisa para ultrapassar a dificuldade, prevenir os danos ou aumentar as perspectivas de benefício advindas da mesma. É nesta fase que várias opções de *coping* são avaliadas, i.e., os recursos a que o indivíduo poderá recorrer para enfrentar a situação. Por último, a primeira e a segunda avaliação convergem num terceiro tipo de avaliação que Pereira (1991) definiu como reavaliação. Nesta, é feita uma reflexão sobre a significância da situação para o bem-estar do indivíduo.

Em 1985, para se referirem aos “esforços para lidar com as situações de dano, ameaça ou desafio, quando está disponível uma rotina ou resposta automática”, Monat e Lazarus (1985, como citado em Pereira 1991, p.34) recorreram ao termo *coping*. Para estes autores, estes três tipos de situação são diferentes, pelo que exigem também respostas distintas. Assim, perante situações de dano (acontecimentos desagradáveis como morte, doença ou perda de relacionamentos significativos) as estratégias de *coping* estão direccionadas para o presente, visando uma reinterpretação do acontecimento. Já perante uma situação de ameaça, i.e., a antecipação de ocorrências negativas semelhantes às de situações de dano, que ainda não aconteceram, os mecanismos de *coping* estão dirigidos para o futuro. Por último, e ao contrário das situações anteriores que induzem no sujeito emoções negativas como cólera ou medo, perante situações de desafio, o sujeito pode experimentar emoções positivas como satisfação, sentindo-se confiante para ultrapassar as dificuldades (Folkman, 1984, como citado em Pereira, 1991).

Uma vez que, ao longo da vida o ser humano se depara constantemente com situações de dano, ameaça ou desafio às quais procura

responder da forma mais adequada possível, acredita-se que as estratégias de *coping* vão variando e vão sendo aperfeiçoadas, no sentido de uma cada vez maior adequabilidade, a par com o desenvolvimento da pessoa (Lazarus & DeLongis, 1983; Pereira, 1991). Na sua aprendizagem estão implicados diversos factores referidos por distintos autores, expostos no trabalho de Pereira (1991): o processo de socialização e a história pessoal do indivíduo (Compas, 1987); a aprendizagem cultural de um sistema de valores e crenças; a aprendizagem vicariante e por condicionamento clássico e operante (Vaz Serra, 1988); o tipo de personalidade e as “relações parentais próximas” (Pereira, 1991). Já seguindo uma visão um pouco distinta Carver, Scheier e Weintraub (1989, como citado em Porter et al., 2000) defendem que cada pessoa tem um estilo de *coping* particular que transcende a influência do contexto situacional e/ou do tempo. E, de acordo com Costa e colaboradores (como citado em Kato & Pederson, 2005), diversos resultados demonstram a importância que as disposições de personalidade possuem na predição e explicação na variância do estilo de *coping*, bem como das suas consequências.

Mas retomando o tema fulcral deste trabalho, como é que se pode definir *coping* familiar? Tal como aconteceu no conceito de *stress*, também a definição de *coping* foi beber às raízes cognitivistas. No seu trabalho sobre *stress* familiar, Pauline Boss (1988, como citado em Olson et al., 2003), refere-se ao *coping* familiar como a capacidade da família gerir acontecimentos ou situações *stressantes*, sem que isso afecte a unidade familiar ou traga efeitos negativos para os elementos que a constituem. A autora (1988, como citado em Olson et al., 2003) realça que os recursos de *coping* familiar podem ser considerados forças, no entanto, dispor das mesmas não é garantia de que a família as use na sua gestão do *stress*. Na sua obra de 2002, Boss, refere que a noção de *coping* familiar foi introduzida por McCubbin (1979, como citado em Boss, 2002). Aparentemente este conceito assemelhava-se ao construto de resiliência familiar, a variável B descrita por Hill no seu modelo ABC-X. Contudo, na opinião da autora, as estratégias de *coping* podem ser incluídas na variável resiliência familiar, tal como Hill afirmou, uma vez que o *coping* é um processo sistemático.

De acordo com McKenry e Prince (2005), a partir duma determinada altura surge um maior interesse em perceber e explicar como é que algumas famílias se revelavam mais competentes na gestão e tolerância a acontecimentos *stressores*. Neste âmbito, Lavee e Olson (1991) sublinham os esforços dispendidos para formular e generalizar uma teoria sobre *stress* que permitisse explicar e prever a forma como as famílias lidam com um amplo número de situações *stressantes*, de que o Modelo familiar de *stress* ABC-X é um bom exemplo. Este foi desenvolvido por Hill (1958, como citado em Olson et al., 2003) numa tentativa de perceber o processo que permite às famílias adaptarem-se ao *stress*. Não obstante o facto de terem já sofrido diversos desenvolvimentos, as suas ideias originais continuam a servir de base a muitos estudos sobre o *stress* e *coping* familiares (McKenry & Prince, 2005). Neste sentido, desde que surgiu, tem sido utilizado como forma de ajudar na identificação dos recursos que a família possui para lidar

com o *stress*. As variáveis consideradas neste modelo são o elemento *stressor* (A), os recursos reunidos perante a crise familiar (B), a definição que a família atribui ao elemento *stressor* (C) e, por último, a crise (X). Na mesma obra, Olson e colaboradores (2003) referem, também, o modelo sistemático de *stress* familiar desenvolvido por Burr e Klein (1994), que foi considerado menos linear e determinístico que o modelo atrás referido. Num trabalho realizado pelos mesmos, centrado em nove dimensões da vida familiar e explorando seis acontecimentos *stressores*, os autores realizaram uma análise descritiva que revelou a diversidade de recursos a que a família recorre na gestão do *stress*. Burr e Klein (1994, como citado em Olson et al., 2003) procederam, ainda, à identificação de seis estratégias de *coping* gerais - cognitivas, emocionais, relacionais, comunitárias, espirituais e de desenvolvimentos individual - que comportam inúmeras estratégias mais específicas.

Hill (1958, como citado em Olson et al., 2003) define, assim, um acontecimento de vida *stressante* como um evento que provoca mudança no sistema familiar, contrapondo com a crise, que descreve como qualquer mudança acentuada ou decisiva, perante a qual os padrões utilizados no passado se revelam inadequados. Para McKenry e Prince (2005), enquanto o *stress* pode ser concebido como uma variável contínua, a crise é um conceito dicotómico, existindo ou não. Neste sentido, Boss (2002) refere que as famílias não podem escapar aos acontecimentos *stressantes* que decorrem do desenvolvimento normativo, e muito poucas não enfrentam, pelo menos, algum evento inesperado. No entanto, se lidar com *stress* é inevitável, a crise não é. Para a mesma autora, se os elementos de uma família possuem poucos recursos, individuais ou colectivos, ou se não recorrem às estratégias de *coping* que detêm, o processo de gestão do *stress* familiar pode ficar comprometido e não se iniciar, podendo, então, desencadear-se a crise. A este propósito Vaz Serra (1999) afirma que numerosos estudos sobre a variável X, ou seja, as crises familiares, têm sido desenvolvidos. Refere, então, o trabalho de McGoldrick (1980, como citado em Vaz Serra, 1999), que diferencia *stress* vertical de *stress* horizontal. Enquanto o primeiro tipo está relacionado com as relações que se estabelecem entre os ascendentes e os descendentes (entrando em linha de conta a estrutura familiar, o sistema de valores partilhado e os padrões de comunicação desenvolvidos), o segundo é influenciado por acontecimentos externos e aspectos relativos ao ciclo de vida de cada elemento. Também Boss (1988, como citado em Vaz Serra, 1999) distinguiu dois tipos de *stress*: o externo e o interno. Aspectos culturais, históricos, económicos e do ciclo de vida dizem respeito ao primeiro tipo. Por outro lado, a influenciar o *stress* interno numa pessoa encontramos alguns aspectos estruturais, filosóficos e psicológicos da mesma.

Mais tarde, na sua obra de 2002, Boss expõe uma visão mais aprofundada acerca dos principais tipos de *stressores* que a família pode enfrentar. Agrupados em seis pares, são assim identificados *stressores*: internos/externos; normativos/inesperados; ambíguos/não ambíguos; desejados/não desejados; crónicos/agudos e isolados/cumulativos. Esta

descrição exaustiva tem auxiliado, de acordo com Olson e colaboradores (2003), na clarificação dos motivos que levam as pessoas a perceber e a reagir de forma distinta ao *stress*, bem como no esclarecimento da forma como as suas reacções dependem do tipo e grau de severidade do elemento *stressor*. Vaz Serra (1999) refere, ainda, que o foco atencional, neste campo, tem-se voltado mais para o estudo dos factores verticais e internos que influem no *stress* familiar.

Na sua obra de 1983, Olson e a sua equipa apresentam cinco estratégias de *coping* utilizadas pelas famílias, que realça constituírem apenas uma pequena amostra do extenso leque de respostas de confronto a que, efectivamente, o sistema familiar recorre. Divide-as, assim, em dois tipos principais: estratégias de *coping* familiar internas (ou processos intrafamiliares) e externas. O reenquadramento e a avaliação passiva são incluídas no primeiro grupo e, segundo os autores, relacionam-se com a capacidade da família definir o acontecimento *stressor* como uma mudança passível de ser ultrapassada (reenquadramento) ou como algo que, com o passar do tempo, se resolverá por si próprio (avaliação passiva). Já as estratégias de *coping* familiar externas dizem respeito ao comportamento assumido pelos elementos da família, a nível individual, como forma de obter recursos fora do âmbito familiar. A procura de apoio espiritual, a aquisição de suporte social e a mobilização de apoio formal constituem este grupo de respostas de *coping*. Enquanto a procura de apoio espiritual reconhece os esforços empreendidos pela família na crença e procura de suporte espiritual, a aquisição de suporte social relaciona-se com a capacidade da família apelar aos recursos da rede social informal, providenciados pela família alargada, pelos amigos ou pelos vizinhos. O recurso à rede social formal, i.e., a apetência do sistema familiar para encontrar recursos na comunidade e aceitar essa ajuda externa, relaciona-se com a mobilização de apoio formal (Olson et al., 1983).

Debruçando-nos sobre a restante variável em estudo neste nosso trabalho, urge proceder à sua definição, o que implica necessariamente referir e contrapor com o termo “sexo”. Assim, tal como Vieira (2006) afirma, enquanto para aludir “a diferenças supostamente ligadas a factores biológicos” se tende a recorrer ao termo “sexo”, o conceito “género” visa abarcar as percepções, atribuições, expectativas e julgamentos realizadas, pelo próprio ou por outros, a partir da categorização em “sexo feminino” ou “sexo masculino”. A este propósito Amâncio (1993) havia já realçado a conceptualização do género em categorias dicotómicas, organizadas em função do critério classificatório sexo. Ainda no mesmo trabalho a autora refere que categorizações baseadas em características permanentes (como o sexo), funcionam como uma etiqueta que o indivíduo transporta consigo durante toda a vida (o que, nos dias de hoje, dado a avanço da ciência, já pode ser alterado). Ainda neste âmbito Vieira (2006) salienta que, desde muito precocemente, as crianças são classificadas como pertencentes ao grupo das raparigas ou ao dos rapazes, apresentando um conjunto de comportamentos, atitudes ou preferências consonantes com o mesmo. Como

uma das primeiras categorias que aprende, o género desempenha um importante papel na organização do mundo social da criança.

Numa perspectiva um pouco distinta, existem autores que percebem o conceito “género” como um construto multidimensional e complexo, defendendo, desta forma, que as diferenças entre homens e mulheres resultam da interacção entre distintos factores (Vieira, 2006).

Independentemente da visão, um facto é indiscutível: “ao longo do tempo, as diferenças de género têm-se constituído como uma variável importante” (Nabais, 2009, p.26), pelo que se têm desenvolvido inúmeros estudos em áreas muito diversas. Já é longo o passado da investigação sobre as diferenças de género em termos sociais, biológicos, de personalidade (e.g., Poeschl, Múrias, & Ribeiro, 2003), de relações interpessoais (e.g., Canary, Emmer-Sommer, & Faulkner, 1997) e da sexualidade (e.g., Mealey, 2000), no que diz respeito à incidência perante diversas patologias (e.g., Hänninen & Aro, 1996) ou mesmo em relação às concepções de masculino e feminino e estereótipos existentes face às mesmas (Amâncio, 1993; Amâncio, 1994). Diversos são, também, os trabalhos que se debruçam sobre as dissemelhanças que se acentuam entre homens e mulheres ao longo da vida (Arber, Davidson, & Ginn, 2003; Mercier, Péladeau, & Tempier, 1998), da mesma forma que existem já vários estudos no âmbito da relação entre diferenças de género, *stress* familiar e no trabalho (e.g., Patton & Goddard, 2006). No entanto é recente o trabalho desenvolvido no âmbito da percepção do *stress* e *coping* familiares, e será esse o nosso maior propósito com este trabalho.

Goldenberg e Goldenberg (2007) afirmam que para se conhecer o funcionamento familiar de forma plena é fulcral considerar-se que homens e mulheres experienciam a vida familiar tanto de forma semelhante como de forma distinta, não só nas suas famílias de origem como também na família por eles formada a partir do casamento. Os mesmos autores referem que, tipicamente, desde cedo, se educam homens e mulheres para diferentes tarefas, expectativas, valores, atitudes, crenças, objectivos e oportunidades. De uma forma geral, desde tenra idade, ambos começam a aprender distintas técnicas de resolução de problemas; desenvolvem diversos estilos de comunicação e diferentes perspectivas sobre a sexualidade; ou mantêm expectativas divergentes face às relações. Também neste âmbito, Vieira (2006) procurou perceber a influência que as variáveis familiares assumem no desenvolvimento do género, pretendendo, dessa forma, analisar se a forma como as crianças tendem a ser educadas varia em função da respectiva categoria sexual a que pertencem. A autora retorque, desta forma, que a grande maioria dos estudos desenvolvidos ao longo dos últimos anos sugere a existência, desde etapas muito precoces do desenvolvimento, de uma socialização diferencial de género.

Barnett e colaboradores (1987, como citado em Matud, 2004) descrevem, assim, que o género influencia cada elemento relativo ao processo de *stress*, não só em termos de *input*, i.e., no que diz respeito à percepção do elemento ou situação como *stressante*, mas também em termos de *output*, influenciando as respostas de *coping* utilizadas face à mesma e às

implicações que as reacções ao *stress* poderão ter na saúde da pessoa. Alguns autores sugerem que homens e mulheres diferem em termos de percepção dos *stressores* (Misra, McKean, West, & Russo, 2000; Roxburgh, 1996, como citado em Day & Livingstone, 2003), particularmente no que se relaciona com o campo académico e do trabalho. Também Matud (2004) procedeu a um levantamento de algumas conclusões obtidas por outros autores, referindo, por exemplo, que as mulheres percebem-se a si mesmas como vivenciando mais situações *stressantes* do que os elementos do género masculino (Almeida & Kessler, 1998; McDonough & Walter, 2001), e sugerindo, também, que o género feminino avalia acontecimentos ameaçadores como mais *stressantes* do que os homens (Miller & Kirsch, 1987; Ptacek, Smith, & Zanas, 1992).

Soderstrom e colaboradores (2000, como citado em Kopala & Keitel, 2003) referem que foram encontradas diferenças de género no que diz respeito ao *coping*, com as mulheres a recorrer mais a estratégias de evitamento. No entanto, não são percebidas diferenças entre o género feminino e masculino no que diz respeito ao *coping* focado no problema. Opinião idêntica é-nos apresentada por Porter e Stone (1996), que referem que as mulheres recorrem mais a estratégias como distração, apoio social, relaxamento ou a religião, do que o género masculino, salientando, ainda, que para lidar com os seus problemas, sujeitos do género feminino recorrem também a um maior número de estratégias de *coping* de todos os tipos. Estes autores obtiveram resultados que, indo de encontro aos já auferidos noutros estudos, sugerem que as mulheres recorrerão mais a *coping* focado na emoção e com maior probabilidade recorrerão ao suporte social do que os homens (Billings & Moos, 1994; Carver et al., 1989; Endler & Parker, 1990; Pearlin & Schooler, 1978; Ptacek, Smith, & Zanas, 1992; Vingerhoets & Van Heck, 1990, como citado em Porter & Stone, 1996). Não obstante, os autores não encontram diferenças de género no que diz respeito à utilização de *coping* focado no problema, remetendo para estudos anteriores que concluíram que se o teor do problema for tido em conta, as diferenças de género no que diz respeito ao *coping* desaparecem (Billings & Moos, 1994; Folkman & Lazarus, 1980; Hamilton & Fagot, 1988, como citado em Porter & Stone, 1996).

II - Objectivos

2.1. Objectivos gerais

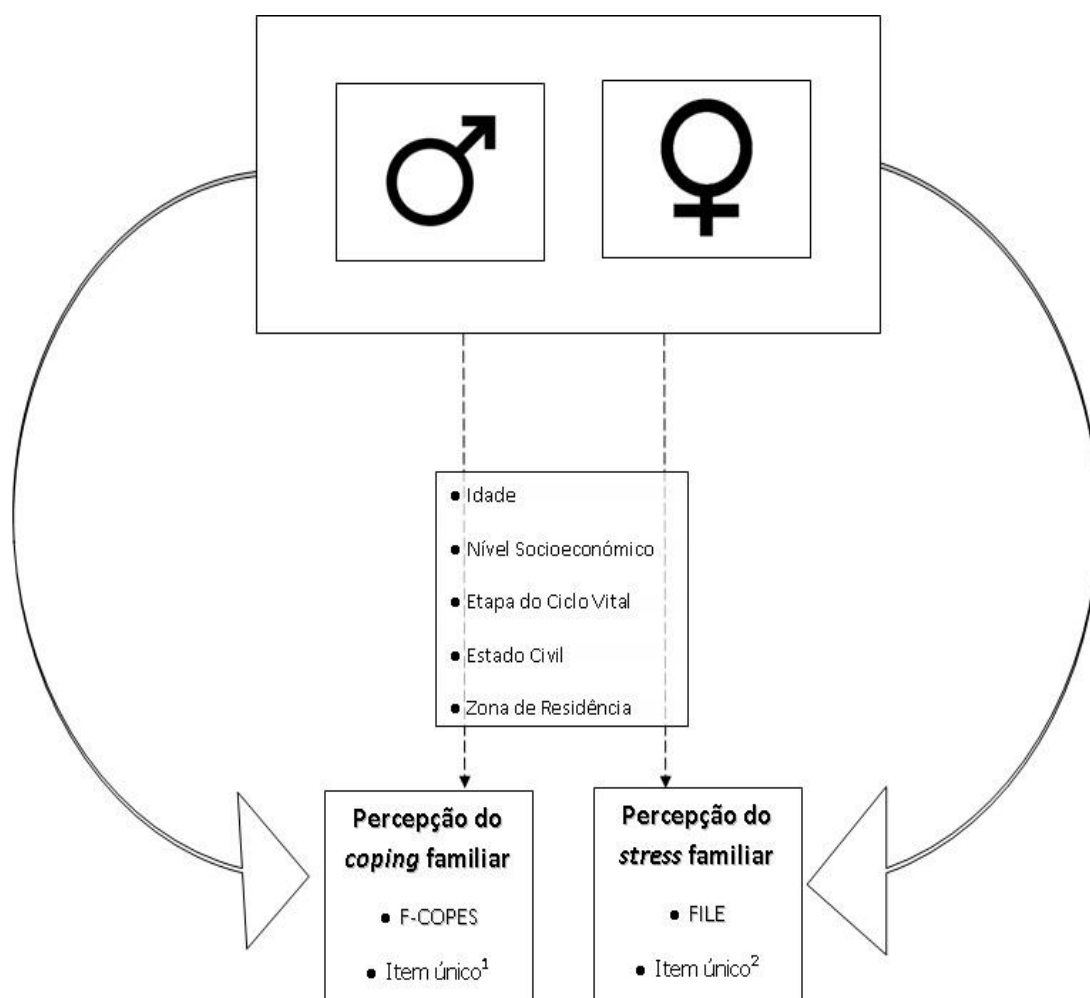
Este estudo surge na continuidade do trabalho realizado pelo grupo de Sistémica, Saúde e Família da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, da Universidade de Coimbra, nos anos lectivos anteriores (2006/2007, 2007/2008 e 2008/2009). Assim, insere-se num projecto de investigação mais abrangente, que visa analisar a percepção do *stress*, *coping*, resiliência e qualidade de vida nas famílias portuguesas, recorrendo, para tal, aos instrumentos FILE, F-COPES, Questionário de Forças Familiares e Qualidade de Vida.

2.2. Objectivos específicos

O presente trabalho tem como objectivos particulares o estudo da influência do género na percepção do *stress* familiar e das estratégias de *coping* utilizadas pela família face ao mesmo. Neste sentido, pretende-se, ainda, analisar de que forma algumas variáveis demográficas (idade, nível socioeconómico, estado civil e zona de residência) e familiares (etapa do ciclo vital) influenciam essa mesma percepção por parte de homens e mulheres.

Como forma de esquematizar as hipóteses de trabalho por nós colocadas, apresenta-se, seguidamente, o modelo conceptual do estudo (consultar figura 1).

Figura 1 - Modelo Conceptual



¹ Referente à questão “como é que acha que a sua família se adapta, em geral, às dificuldades?”.

² Referente à questão “como é que avalia o *stress* da família?”.

III - Metodologia

3.1. Caracterização da amostra

A amostra utilizada nesta investigação foi constituída a partir de dados recolhidos em estudos anteriores, no mesmo âmbito, levadas a cabo pela equipa já referida da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Num total de 587 sujeitos, dos quais 400 do género feminino (69.1%) e 187 do género masculino (31.9%), a média de idades dos constituintes da amostra é 40.7 (dp = 16.21), variando entre os 12 e o 93 anos, sendo a maior parte casados (64.7%). O número de filhos varia, essencialmente, entre 0 (23%), 1 (31.5%) e 2 (34.5%) e a maior parte das famílias assume a forma “nuclear intacta” (81.7%). Distribuindo-se a amostra por todas as etapas do Ciclo Vital³ de forma relativamente homogénea, salienta-se a percentagem de “famílias lançadoras” (31.5%).

Verifica-se que a amostra se encontra distribuída de forma uniforme por áreas predominantemente urbanas (34.6%), medianamente urbanas (34.4%) e predominantemente rurais (31.3%)⁴. No que diz respeito ao nível socioeconómico⁵, mais de metade da amostra (58.8%) encontra-se no nível médio. Já tendo em conta as habilitações literárias constatamos que a sua distribuição é mais homogénea, no entanto a percentagem de sujeitos com estudos superiores (23.5%) contrasta com a de sujeitos com estudos inferiores ao 4º ano (3.5%) (cf. Quadro 1).

Para perceber se as amostras são equivalentes nas diferentes variáveis, procedeu-se à análise estatística do qui-quadrado, no que concerne às variáveis nominais (estado civil, etapa do ciclo vital, formas de família, local de residência e nível socioeconómico), enquanto para as variáveis ordinais (idade, habilitações literárias e número de filhos) se recorreu ao *t-student*. Assim, verificou-se que as amostras são equivalentes no que diz respeito às variáveis *idade* [$t=-0.621$, $p=0.535$], *local de residência* [$X^2=2.875$, $p=0.237$], *habilitações literárias* [$t=-1.739$, $p=0.083$], *filhos* [$t=-1.071$, $p=0.285$], *etapa do ciclo vital* [$X^2=7.219$, $p=0.406$], *formas de família* [$X^2=7.792$, $p=0.168$] e *nível socioeconómico* [$X^2=2.231$, $p=0.328$] e que apenas não são equivalentes no que concerne ao *estado civil* [$X^2=13.878$, $p=0.016$] (cf. Anexo I).

3.2 Instrumentos

No ano lectivo de 2007/2008 utilizou-se um protocolo de investigação comum constituído por um questionário sócio-demográfico e por uma ficha de dados complementares, após os quais se procedia a aplicação do questionário Qualidade de Vida, o Inventário Familiar de Acontecimentos e

³ No que concerne ao Ciclo Vital da família, baseámo-nos na classificação proposta por Olson, Larsen e McCubbin (1983).

⁴ No que diz respeito ao local de residência, utilizámos a tipologia apresentada pelo Instituto Nacional de Estatística (1998).

⁵ Para a definição do nível socioeconómico, recorreremos à classificação de Mário Simões (1994).

Quadro 1 – Características sócio-demográficas e familiares da amostra.

Variáveis	Categorias	Masculino		Feminino		Total	
		n	%	n	%	n	%
Género		187	31.9	400	69.1	587	100
				Missings:		15	2.6
Idade	12-19	19	3.2	25	4.3	44	7.5
	20-29	41	7	77	13.1	118	20.1
	30-39	39	6.6	95	16.2	134	22.8
	40-49	33	5.6	101	17.2	134	22.8
	50-59	31	5.3	54	9.2	85	14.5
	60-69	13	2.2	27	4.6	40	6.8
	70-79	7	1.2	12	2.0	19	5.4
	> 80	4	0.7	9	1.5	13	
				Missings:		17	2.9
Estado Civil	Solteiro	33	5.8	65	9.6	88	15.4
	Casado	129	22.6	251	44	380	66.7
	União de Facto	18	3.2	38	6.7	56	9.8
	Divorciado	3	0.5	24	4.2	27	4.7
	Separado	2	0.4	3	0.5	5	0.9
	Viúvo	0	0	14	2.5	14	2.5
				Missings:		2	0.3
Etapa do Ciclo Vital	Casal sem filhos	32	5.5	55	9.4	87	14.9
	Filhos pequenos ou pré-escolar	25	4.3	38	6.5	63	10.8
	Filhos idade escolar	16	2.7	53	9.1	69	11.8
	Filhos adolescentes	30	5.1	58	9.9	88	15
	Família lançadora	55	9.4	129	22.1	184	31.5
	Família na reforma	5	0.9	6	1	11	1.9
	Ninho vazio	21	3.6	54	9.2	75	12.8
	Não se aplica	3	0.5	5	0.9	8	1.4
				Missings:		18	3.1
Formas de Família	Nuclear intacta	155	27.2	310	54.5	465	81.7
	Pós-divórcio	5	0.9	27	4.7	32	5.6
	Monoparental	4	0.7	13	2.3	17	3
	Reconstituída	19	3.3	31	5.4	50	8.8
	Outras	2	0.4	3	0.5	5	0.9
				Missings:		82	14
Filhos	0	43	8.4	73	14.5	116	23
	1	53	10.5	106	21	159	31.5
	2	48	9.5	126	25	174	34.5
	3	12	2.4	26	5.1	38	7.5
	Mais de 3	3	0.6	8	1.6	11	2.2
	Gravidez	2	0.4	3	0.6	5	1
	Gravidez + Filhos	1	0.2	1	0.2	2	0.4
					Missings:		16
Habilitações Literárias	> 4º Ano	1	0.2	19	3.3	20	3.5
	4º Ano	30	5.3	47	8.2	77	13.6
	6º Ano	29	5.1	47	8.2	76	13.3
	9º Ano	53	9.3	75	13.1	128	22.4
	12º Ano	28	4.9	76	13.3	104	18.2
	Ensino médio	11	1.9	21	3.7	32	5.6
	Ensino superior	33	5.8	101	17.7	134	23.5
				Missings:		17	2.9
Nível socioeconómico	Baixo	51	8.9	130	22.8	181	31.8
	Médio	115	20.2	220	38.6	335	58.8
	Elevado	19	3.3	35	6.1	54	9.5
				Missings:		15	2.6
Local de Residência	Predominante/urbano	58	10.1	138	24.1	196	34.3
	Mediana/ urbano	73	12.8	124	21.7	197	34.4
	Predominante/ rural	55	9.6	124	21.7	179	31.3

Mudanças de Vida (FILE) e a Escala de Avaliação Pessoal Orientadas para a Crise em Família (F-COPES), seguindo esta mesma ordem.

Já o protocolo utilizado no ano lectivo de 2008/2009, na recolha da amostra por nós utilizada, foi constituído apenas por um questionário demográfico (constituído a partir do questionário sócio-demográfico e a ficha de dados complementares do ano anterior), o F-COPES, o FILE e o Questionário Forças Familiares (este último não será trabalhado na nossa dissertação).

Questionário demográfico

O questionário demográfico visa obter informação relativa, não só ao respondente, mas também à sua família. Desta forma, reúne, então, dados gerais do indivíduo (como idade, género, área de residência, profissão, estado civil ou habitações literárias) e familiares (como constituição do agregado familiar, doenças, falecimentos, etapa do ciclo vital, ou número de filhos). De acordo com Costa (2009), o recurso a um questionário demográfico justifica-se se atendermos à importância de possuir informação que possibilite a caracterização da amostra e, no nosso caso em concreto, que permita a identificação de eventuais variáveis mediadoras neste estudo.

FILE

O FILE é um inventário de auto-resposta que visa avaliar variáveis relativas às mudanças e acontecimentos normativos e cumulativos, que foram experienciados pelo sistema familiar, no período de tempo correspondente ao último ano. Adicionalmente, permite, ainda, avaliar alguns acontecimentos prévios a esse período. Constituído por setenta e um itens, a escala de resposta é dicotómica, em que “sim” corresponde a um ponto e “não” a zero pontos. Neste sentido, quanto mais elevado é o resultado obtido no inventário, mais elevado é o stress vivenciado pelo sistema familiar, de acordo com a percepção do respondente.

Este instrumento foi originalmente desenvolvido por McCubbin, Patterson e Wilson (1981), fundamentando-se no Modelo Duplo de ABCX de McCubbin e Petterson (1982). Nessa mesma versão, os itens que a constituíam encontravam-se agrupados em nove factores (“tensões intra-familiares”; “tensões conjugais”; “tensões relativas à gravidez e maternidade”; “tensões relativas a questões financeiras”; “tensões/mudanças familiares devido ao trabalho”; “tensões relacionadas com problemas ou cuidados de saúde”; “perdas”; “movimento de “entradas e saídas” na família”; “problemas legais”), permitindo obter três indicadores: resultado total de Mudanças de Vida Recentes, resultado por Factor e resultado total de Mudanças de Vida Passadas.

Em 1990, Vaz Serra e colaboradores traduziram e elaboraram a versão portuguesa deste instrumento, que denominaram Inventário Familiar de Acontecimentos e Mudanças de Vida. Já a sua validação para a população portuguesa esteve a cargo da equipa de investigação de Sistémica, Saúde e Família, do ano lectivo de 2007/2008. A partir de uma amostra de 356 sujeitos, percebeu-se que o inventário possui uma estrutura factorial muito

frágil, pelo que não devem ser utilizados os seus factores como subescalas. Para a população portuguesa a média obtida foi de 8, com um desvio-padrão de 5.69, tendo-se obtido, ainda, um bom valor de consistência interna do instrumento ($\alpha=0.811$) (Lopes, 2008).

F-COPES

Também tendo por base o Modelo Duplo de ABCX de McCubbin e Petterson (1982), McCubbin, Olson e Larsen (1981) desenvolveram a versão original do F-COPES (Family Crisis Oriented Personal Evaluation Scale), tendo como objectivo a avaliação de variáveis relacionadas com as estratégias de coping da família, i.e., atitudes e comportamentos efectivos de resolução de problemas, que a família desenvolveu como forma de responder, resolver ou enfrentar os problemas e dificuldades com que se vai deparando.

O F-COPES é, assim, um inventário de auto-resposta composto por trinta itens agrupados por cinco factores (“reenquadramento”; “mobilização familiar para a aquisição e aceitação de ajuda”; “aquisição de apoio social”; “procura de apoio espiritual”; “avaliação passiva”) e duas dimensões (“interna” e “externa”). A escala de resposta do mesmo é do tipo Likert, constituída por cinco pontos (1 – “discordo muito”; 2 – “discordo moderadamente”; 3 – “não concordo nem discordo”; 4 – “concordo moderadamente”; 5 – “concordo muito”). Tal como no caso do instrumento anteriormente descrito, um valor elevado neste inventário corresponde a um valor igualmente elevado em termos de percepção de utilização das estratégias de *coping* por parte da família.

A constituição da versão portuguesa da Escala de Avaliação Pessoal Orientadas para a Crise em Família esteve também a cargo de Vaz Serra e colaboradores (1990), tendo a mesma sido validada pela equipa de investigação de Sistémica, Saúde e Família, do ano lectivo de 2007/2008. A partir de uma amostra de 372 sujeitos, foi obtido um α de Cronbach de .846, indicando uma boa consistência interna. No que diz respeito à totalidade da escala, foi obtido um valor médio para a população portuguesa de 93.87 (desvio padrão de 14.117), tendo-se encontrado diferenças significativas em termos de género (género masculino - média de 91.05 e desvio-padrão de 14.950; género feminino - média de 95.20 e desvio-padrão de 13.536). Em termos de análise dos factores, o estudo de validação observou que a solução dos sete factores revela algumas vantagens face à solução dos cinco factores, particularmente ao nível da consistência interna. Assim, na versão portuguesa optou-se pela versão dos sete factores, que engloba: *Reenquadramento, Procura de Apoio Espiritual, Aquisição de Apoio Social nas Relações de Vizinhaça, Aquisição de Apoio Social nas Relações Íntimas, Mobilização de Apoio Formal, Atitude Passiva e Avaliação Passiva* (Martins, 2008).

3.3. Procedimentos de investigação

Tal como já foi mencionado, para este estudo recorreu-se a uma amostra constituída a partir de dados recolhidos em estudos anteriores, no

mesmo âmbito, levadas a cabo pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Constituída por 587 sujeitos, esta amostra foi recolhida em dois tempos distintos: um primeiro, entre Novembro de 2007 e Janeiro de 2008, um total de 507 sujeitos e um segundo entre Novembro de 2008 e Janeiro de 2009, a partir do qual se obteve um total de 80 sujeitos. De acordo com Lopes (2008), a amostra é de conveniência (Maroco, 2007), tendo-se procurado assegurar que fosse o mais heterogénea possível. Lopes (2008) refere, ainda que, fazendo parte de uma investigação mais alargada, a recolha desta amostra consistiu na aplicação de um protocolo comum a todos os respondentes.

No que concerne ao FILE, alguns aspectos deveriam ser salvaguardados, devendo ser preenchido por pelo menos um membro da família que fosse casado, vivesse em união de facto, estivesse separado, divorciado ou fosse viúvo. Desta forma, sempre que ambos os elementos do casal participassem na investigação, não deveriam ser partilhadas informações relativas ao mesmo, uma vez que o seu preenchimento deveria ser individual.

Lopes (2008) salienta, também, que o contacto pessoal com os respondentes se estabeleceu de forma individual, pelo que nas sessões de preenchimentos do protocolo se encontravam presentes apenas o investigador e o respondente. A aplicação dos protocolos procedeu-se na residência de cada um dos indivíduos, tentando, sempre que possível, salvaguardar de interferências externas.

De acordo com Morais (2008), aquando da distribuição (em mãos) dos protocolos (cf. Anexo II), era facultada alguma informação acerca da equipa de investigação e dos objectivos gerais do projecto, de acordo com um guião de aplicação do protocolo (cf. Anexo II.6). Após o agradecimento pela participação, assegurava-se o anonimato e a confidencialidade da informação facultada, ao longo de todo o processo. Por outro lado, sempre que os respondentes manifestassem interesse em conhecer os resultados da investigação, foi assegurada a disponibilização dessas informações numa fase posterior.

Tal como Lopes (2008) refere, coube apenas a investigadores treinados a administração dos protocolos, que seguiam um guia comum de aplicação dos mesmos. De um modo geral, o mesmo foi preenchido directamente pelos sujeitos, salvo raras excepções, face a pessoas mais idosas. Nesses casos, os instrumentos podiam ser lidos em voz alta pelo investigador, procurando sempre minimizar o grau de interferência do entrevistador nas respostas do sujeito. No curso de todo o processo de recolha e tratamento de dados foram tomadas medidas para cumprimento dos imperativos éticos subjacentes aos procedimentos de investigação.

3.4. Procedimentos estatísticos

Para testar o nosso modelo conceptual é essencial realizar diversas análises estatísticas, tanto paramétricas (Teste *t* para amostras independentes, ANOVA *Two-way*, Coeficiente de Correlação de *Pearson*) como não paramétricas (*U de Mann Whitney*, *Kruskal Wallis* e o teste de correlação

Spearman). Mas antes de se poder realizar tal tarefa, revela-se impreterível testar a normalidade da distribuição dos dados nas escalas. Com esse intuito, e dado o tamanho da nossa amostra nas variáveis dependentes, recorrer-se-á ao teste *Kolmogorov-Smirnov*. Para verificar a homogeneidade das variâncias populacionais utilizar-se-á o teste de *Levene*. Seguidamente pretende-se verificar se as amostras são equivalentes nas diferentes variáveis, recorrendo, para tal, ao teste do *Qui-Quadrado* sempre que as mesmas corresponderem à escala nominal, e ao teste do *t-student* quando disserem respeito a variáveis de escala ordinal⁶.

Por sua vez, pretende testar-se, também, a consistência interna dos instrumentos por nós utilizados (F-COPES e FILE), como forma de obter um valor de alfa de *Cronbach* para ambos. Posto isso, e com o intuito de perceber a intensidade e a direcção da associação entre as variáveis deste estudo, proceder-se-á ao cálculo do coeficiente de correlação, recorrendo, para tal, ao de *Bravais-Pearson* ou ao seu equivalente não paramétrico *Ró de Spearman*.

Como forma de testar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre as médias de duas populações distintas utilizar-se-á o teste *t-Student* para amostras independentes, sempre que os dados da distribuição cumpram o pressuposto da normalidade ou o seu equivalente não paramétrico o teste *U de Mann Whitney* (Maroco, 2007).

De acordo com Maroco (2007), sempre que se pensa que uma variável dependente é influenciada por mais do que uma variável independente (ou facto), importa, não só, estudar o efeito de cada uma desses factores na variável dependente como também a interacção entre variáveis independentes. É, então, com esse propósito que se recorre à ANOVA *two-way*, cujo objectivo é testar os efeitos de dois factores sobre a variável dependente, tal como a interacção entre estes. Sempre que os resultados indiciam a existência de diferenças estatisticamente significativas, proceder-se-á ao cálculo, *a posteriori*, da comparação múltipla de médias através do teste de *Bonferroni*. Como alternativa não paramétrica à ANOVA *two-way* surge o teste *Kruskal-Wallis*, utilizado sempre que a variável independente tiver mais do que dois níveis.

Iniciando-se, então, o teste empírico do nosso modelo, realizaram-se os testes *Kolmogorov-Smirnov* e de *Levene*, que permitiram aferir que nenhum dos factores segue uma distribuição normal (cf. Anexo III) e que apenas o factor Reenquadramento do F-COPES e a variável dependente

⁶ Para estabelecer tal distinção apoiámo-nos nas palavras de Pestana e Gageiro (2003) e Maroco (2007). Para os primeiros as variáveis de escala nominal dizem respeito a atributos ou qualidades e que os níveis de medida ordinais permitem distinguir diferentes graus de um atributo, pelo que entre os elementos existe uma relação de ordem. Já para Maroco (2007) as variáveis nominais não consentem, à partida, o estabelecimento de qualquer tipo de ordenação ou qualificação, ao contrário das ordinais que permitem definir uma ordem, que apesar de descritível não é quantificável.

FILE não são homogéneas, dado que apresentam um valor de significância inferior a 0,05 (Pestana & Gageiro, 2003) (cf. Anexo IV).

IV - Resultados

No que concerne ao F-COPES, os 30 itens constituintes do instrumento foram submetidos a uma análise de consistência interna, tendo-se obtido um *alfa de Cronbach* de **0.93**, verificando-se, ainda, que a média de respostas à escala foi **90.73** e o desvio padrão das repostas de **20.34**. Neste sentido, podemos inferir que este valor indica uma consistência interna muito boa, uma vez que é superior a **0.9**, tal como Pestana e Gageiro (2003) nos indicam. Da análise da relação do item com a escala não emergiu nenhum item que, se fosse retirado da escala, a melhorasse de forma significativa, uma vez que todos apresentam valores de correlação corrigida do item-total acima de 0.300 (cf. Anexo V.1).

Tabela 6 – Análise da consistência interna do F-COPES

<i>Alfa Cronbach</i>	Nº Itens	Média	Desvio Padrão
.930	30	90.73	20.342

Já no que diz respeito ao FILE, foi também analisada a consistência interna dos setenta e um itens que o constituem. Com uma média de respostas de **6.82** e um desvio padrão de **6.074**, foi obtido um *alfa de Cronbach* de **0.856**, o que nos indica que, de acordo com o que Pestana e Gageiro (2003) apontam, estamos perante uma consistência interna boa (dado que o valor este valor se situa entre 0.8 e 0.9). Apesar de alguns itens apresentarem valores de correlação corrigida do item-total abaixo de 0.300, verificamos que a sua exclusão da escala não a melhoraria significativamente (cf. Anexo V.2).

Tabela 7 – Análise da consistência interna do FILE

<i>Alfa Cronbach</i>	Nº Itens	Média	Desvio Padrão
.856	71	6.82	6.074

Como forma de perceber a intensidade e a direcção da associação entre as variáveis deste estudo, procedeu-se ao cálculo do coeficiente de correlação, recorrendo, para tal, ao de *Bravais-Pearson*. De acordo com Pestana e Gageiro (2003), o recurso a este teste exige uma relação linear entre as duas variáveis em estudo e que os dados apresentem uma distribuição normal bidimensional. Apesar de tal não se verificar no nosso estudo, optámos pelo seu cálculo dado o tamanho da amostra, uma vez que se trata de uma amostra grande (de acordo com Maroco, 2007, uma amostra superior a 30 é considerada grande) e tal permite aproximações à distribuição normal. Os valores obtidos sugerem-nos que o Inventário Familiar de Acontecimentos e Mudanças de Vida (FILE) e as Escalas de

Avaliação Pessoal Orientadas para a Crise em Família (F-COPES) mantêm entre si uma relação insignificante com valores sempre **inferiores a 0.2** (cf. Anexo VI), o que de acordo com Pestana e Gageiro (2003) é considerado um valor de correlação muito baixo.

No que se relaciona com o instrumento F-COPES, optou-se pela utilização do *t-student* para amostras independentes em vez do teste não paramétrico equivalente (*U Mann Whitney*), ainda que a distribuição dos dados da amostra não fosse normal, uma vez que a dimensão da mesma é suficiente para efectuar uma aproximação à distribuição normal (uma vez que é superior a 30, tal como Maroco, 2007, nos sugere). Do seu cálculo (cf. Anexo VII) pode inferir-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres no que concerne à sua percepção das estratégias de *coping* utilizadas pela família.

Quando cruzado o género com as variáveis mediadoras⁷ e o factor reenquadramento do instrumentos F-COPES, verificamos que apenas a variável idade do respondente apresenta diferenças estatisticamente significativas ($F=2.819$; $p=0.007$, cf. Anexo VIII) no que concerne à percepção da capacidade do sistema familiar para reenquadrar situações ou circunstâncias *stressantes* de uma forma mais tangível. Como forma de perceber quais as faixas etárias em que ocorrem essas diferenças procedemos à aplicação do teste *post-hoc* de *Bonferroni* (cf. Anexo IX), obtendo resultados que nos sugerem que os indivíduos com idade superior a 80 anos tendem a ter, neste âmbito, uma perspectiva distinta da de sujeitos de quase todas as faixas etárias, com excepção dos indivíduos com idade entre os 50 e os 59 anos.

Já no que diz respeito ao factor do F-COPES - Procura de Apoio e Espiritual, verificamos a presença de diferenças estatisticamente significativas quando analisadas as variáveis mediadoras idade ($F=7.640$; $p=0.000$), Nível Socioeconómico ($F=8.472$; $p=0.000$), Estado Civil ($F=13.189$; $p=0.000$), Etapa do Ciclo Vital ($F=9.062$; $p=0.000$), Local de Residência ($F=3.949$; $p=0.020$) (cf. Anexo X). Uma vez que, tal como Maroco (2007) afirma, um resultado significativo obtido a partir da ANOVA nos permite concluir apenas a existência de uma média populacional significativamente diferentes das restantes, urge testar-se, *a posteriori*, que par (es) de médias diferem significativamente. Recorrendo, então, ao teste de *Bonferroni* obtiveram-se resultados que nos permitem inferir a existência de diferenças estatisticamente significativas quando comparados os sujeitos com idades superiores a 60 anos com os restantes (cf. Anexo XI.1).

Por outro lado, foi também possível depreender que os sujeitos com um nível socioeconómico baixo diferem significativamente dos com nível

⁷ Almeida e Freire (2003) realçam a inerência destas variáveis ao estudo, realçando a possibilidade de influenciarem de forma interactiva os resultados (assumindo uma condição de mediadoras, entre as variáveis independentes e as dependentes).

socioeconómico médio e elevado, no recurso ao apoio espiritual como forma de confronto das dificuldades (cf. Anexo XI.2), tal como os que habitam em áreas predominantemente rurais diferem dos que residem em áreas predominantemente urbanas (cf. Anexo XI.3). Os resultados parecem ainda indicar que a procura de apoio espiritual como estratégia de *coping* é influenciada pelo estado civil e pela etapa do ciclo vital da família. No que concerne ao estado civil, é possível inferir-se que os indivíduos em união de facto diferem significativamente de todos os outros, com excepção dos indivíduos que se encontram separados (cf. Anexo XI.4), verificando-se que o mesmo ocorre com os indivíduos viúvos. É possível encontrar também diferenças entre os solteiros e os indivíduos casados (cf. Anexo XI.4). Já no que diz respeito à etapa do ciclo vital da família, percebe-se que as principais diferenças surgem entre os indivíduos a vivenciar a etapa “casal sem filhos” e os restantes e os sujeitos que vivenciam a etapa “ninho vazio” e os das restantes etapas (cf. Anexo XI.5).

Tal como no factor procura de apoio espiritual, a idade ($F=4.422$; $p=0.000$), o Nível Socioeconómico ($F=9.977$; $p=0.000$), o Estado Civil ($F=4.667$; $p=0.000$) e a Etapa do Ciclo Vital ($F=4.286$; $p=0.000$) parecem afectar significativamente a percepção dos indivíduos no que concerne ao recurso da família ao apoio social, nomeadamente na vizinhança, em momentos de crise (cf. Anexo XII). Os resultados do teste *post hoc* de *Bonferroni* sugerem, assim, que os indivíduos com idade superior a 80 anos apresentam diferenças estatisticamente significativas quando comparados com todos os outros (cf. Anexo XIII.1). O estado civil “união de facto” destaca-se, novamente, dos restantes, em particular dos indivíduos solteiros, casados e viúvos (cf. Anexo XIII.3). Diferenças significativas são ainda encontradas quando comparados sujeitos dos vários níveis socioeconómicos (baixo, médio e elevado) (cf. Anexo XIII.2). No recurso à vizinhança como forma de enfrentar as situações de crise, parece haver, também, diferenças entre os indivíduos que vivenciam a etapa do ciclo vital da família “ninho vazio” e os casais sem filhos ou as famílias com filhos pequenos ou em idade pré-escolar (cf. Anexo XIII.4).

Por outro lado, não existe evidência de que o género, variáveis como a idade, o nível socioeconómico, o estado civil, a etapa do ciclo vital ou o local de residência ou a interacção entre as mesmas revele algum impacto no recurso dos sujeitos ao seu parceiro como estratégia de *coping* (cf. Anexo XIV).

Por sua vez, a mobilização de apoio formal parece sofrer influência do nível socioeconómico dos sujeitos ($F=3.179$; $p=0.042$) e do local de residência, tendo em conta o género dos respondentes ($F=3.532$; $p=0.030$) (cf. Anexo XV). No entanto, os resultados do teste de *Bonferroni*, realizado *a posteriori*, sugerem que os indivíduos com nível socioeconómico baixo, médio ou elevado não diferem entre si no recurso a organizações e instituições formais como forma de ultrapassar as suas dificuldades (cf. Anexo XVI.1). Já no que concerne ao local de residência, apesar de se verificar a existência de uma interacção significativa entre esta variável e o género, os resultados do teste *post hoc* de *Bonferroni* não sugerem a

existência de qualquer diferença estatisticamente significativa entre os indivíduos que habitam em áreas predominantemente rurais e mediana ou predominantemente urbanas⁸ (cf. Anexo XVI.2).

A idade ($F=2.735$; $p=0.008$) e o nível socioeconómico ($F=4.637$; $p=0.010$) parecem afectar significativamente a aceitação passiva por parte dos indivíduos de acontecimentos de vida ou mudanças consideradas *stressantes* (cf. Anexo XVIII). Enquanto os resultados do teste de *Bonferroni* sugerem a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os indivíduos com idades compreendidas entre os 12 e os 19 anos e os indivíduos nas faixas etárias 40-49 e 50-59 (cf. Anexo XXIX.1). Já no que diz respeito ao nível socioeconómico, verifica-se que os sujeitos com um nível socioeconómico baixo e médio diferem significativamente entre si (cf. Anexo XIX.2).

Já no que concerne ao factor Avaliação Passiva, verifica-se a existência de diferenças estatisticamente significativas em termos do nível socioeconómico ($F=6.709$; $p=0.001$) e do estado civil ($F=3.407$; $p=0.005$) dos respondentes (cf. Anexo XX). Também neste factor se verifica a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os indivíduos com um nível socioeconómico baixo e os sujeitos com um nível socioeconómico médio (cf. Anexo XXI.1). Em termos de estado civil, parece haver diferenças significativas na forma como os viúvos, em comparação com os solteiros e os que vivem em união de facto, avaliam passivamente as situações de crise (cf. Anexo XXI.2).

Posto isto, verifica-se que, de um modo geral, o nível socioeconómico ($F=7.675$; $p=0.001$) e a etapa do ciclo vital ($F= 4.899$; $p=0.000$) parecem influenciar a forma como os sujeitos percebem o recurso da sua família às estratégias de *coping* (cf. Anexo XXII). Mais uma vez os resultados obtidos através do teste *post hoc* de *Bonferroni* sugerem que as diferenças, em termos do nível socioeconómico, surgem entre os indivíduos com nível socioeconómico baixo, médio e elevado (cf. Anexo XXIII.1). Por outro lado, os respondentes a viver em união de facto parecem diferir significativamente dos casados, divorciados e viúvos no que diz respeito ao recurso do seu sistema familiar às estratégias de *coping* em geral (cf. Anexo XXIII.2).

Já no que diz respeito ao FILE, optou-se pelo recurso ao teste de *Mann Whitney*, dada a violação dos pressupostos da normalidade desta amostra. Obteve-se, desta forma um valor de U de 17749.0, um valor de W de 29225.0 e um valor de significância de 0.009, o que nos sugere que existem diferenças estatisticamente significativas no que concerne à percepção de *stress* familiar por parte de elementos do género feminino ou do género masculino. Neste sentido foi ainda possível perceber que são as

⁸ A este propósito, e a título de curiosidade, procedeu-se ao cálculo de duas ANOVAS *one-way* com o propósito de testar, de forma independente, as variáveis género e local de residência. Os resultados obtidos parecem confirmar os dados já apresentados (género: $F=1.246$; $p= 0.265$; local de residência: $F=0.406$; $p= 0.666$) (cf. Anexo XVII).

mulheres quem percebe maiores níveis de vulnerabilidade do seu sistema familiar ao *stress*, apesar do valor obtido não se distinguir grandemente do dos homens (cf. Anexo XXIV).

Não podendo utilizar a ANOVA, dada a violação dos pressupostos da normalidade por parte da variável FILE, recorremos ao *Kruskal-Wallis*. Uma vez que este teste não possui uma equivalência directa à ANOVA *two-way*, optámos pela estratégia de seleccionar e testar os elementos do género masculino e do género feminino em separado, cruzando-as, dessa forma, com as variáveis mediadoras (idade, nível socioeconómico, etapa do ciclo vital, estado civil e local de residência).

De acordo com os valores obtidos verificamos que apenas não se encontram diferenças estatisticamente significativas no cruzamento da variável nível socioeconómico com ambos os géneros (H: $X^2_{KM}(2) = 0.149$; $p = 0.928$; M: $X^2_{KM}(2) = 3.163$; $p = 0.206$) (cf. Anexo XXV), inferindo-se que a percepção que homens e mulheres detêm acerca da vulnerabilidade do seu sistema familiar ao *stress* não parece ser influenciada pelo seu nível socioeconómico. Não obstante, os valores obtidos pelos elementos do género feminino são relativamente superiores aos obtidos para o género masculino (cf. Anexo XXV.1)

No que concerne à variável idade, tendo-se verificado a existência de diferenças estatisticamente significativas tanto em Homens como em Mulheres, procurou-se perceber, para ambos os grupos, em que idades seria percebida uma maior vulnerabilidade ao *stress* familiar. Desta forma, homens e com idades compreendidas entre os 30 e os 39 anos (H=93.59; M=158.26) e os 40 e os 49 anos (H=94.00; M= 164.27) tenderão a perceber a sua família como mais vulnerável ao *stress* (cf. Anexo XXV.2).

Já no que diz respeito à variável etapa do ciclo vital, é possível verificar que o género masculino percebe uma maior vulnerabilidade do seu sistema familiar ao *stress* quando este se encontra na etapa “família com filhos pequenos ou em idade pré-escolar” (106.91), enquanto o género feminino apresenta valores mais elevados quando se encontra na etapa “família com filhos em idade escolar” (170.33) e “casal sem filhos” (162.49) (cf. Anexo XXV.3).

Também na variável estado civil encontramos diferenças estatisticamente significativas, verificando que o género masculino percebe um maior nível de vulnerabilidade do sistema familiar ao *stress* quando vive em “união de facto” (106.23) e em casamento (85.90). Por seu lado o género feminino apresenta valores bastante mais elevados do que os homens relativamente a esta variável, percebendo-se que também as mulheres percebem como fonte de maior *stress* a vivência em união de facto (193.53), do estado civil “divorciada” (157.35) e, apenas em terceiro lugar, em casamento (140.44) (cf. Anexo XXV.4).

Por último, atendendo à variável local de residência, é possível perceber que tanto Homens como Mulheres residentes em áreas predominantemente urbanas (H=84.79; M=158.32) e medianamente urbanas

($H=83.91$; $M=125.32$) percebem uma maior vulnerabilidade da sua família às mudanças e acontecimentos de vida normativos e inesperados (cf. Anexo XXV.5).

Como forma de perceber a força e natureza da relação existente entre os instrumentos em estudo e o item único correspondente, procedemos ao cálculo do coeficiente de correlação de *Pearson* e ao *Ró de Spearman*. Os resultados obtidos permitem concluir que não existe qualquer relação entre o F-COPES e a questão “como é que acha que a sua família se adapta, em geral, às dificuldades?” (cf. Anexo XXVI) e que, apesar de parecer existir uma relação estatisticamente significativa entre o FILE e a questão “como é que avalia o *stress* da família?”, esta é muito fraca (pois o valor é inferior a 0,2, o que é considerado por Pestana e Gageiro, em 2003, como um valor de correlação muito baixo) (cf. Anexo XXVII).

V – Discussão

Quando comparados elementos do género masculino e feminino no que concerne à sua percepção de vulnerabilidade familiar ao *stress*, foram encontradas diferenças significativas entre amostras, percebendo-se que é o grupo feminino quem mais pontua neste campo. Estes resultados parecem ir de encontro às conclusões apresentadas por diversos autores que sugerem que as mulheres se percebem a vivenciar uma situação causadora de *stress* mais frequentemente do que os homens (Almeida & Kessler, 1998; McDonough & Walters, 2001, como citado em Matud, 2004). Neste âmbito já Dohrenwend (1973, como citado em Carter & McGoldrick, 1989) havia referido que, em comparação com os homens, o género feminino encontrava-se exposto a níveis mais elevados de instabilidade e mudanças de vida, para além de, de acordo com Carter e McGoldrick (1989), se revelarem mais vulneráveis às fontes de *stress* do ciclo de vida, dada a sua estreita ligação emocional com aqueles que fazem parte do seu círculo de relações. Outros estudos indicam que o género feminino tem maior tendência a reportar os acontecimentos da vida doméstica e familiar como *stressantes* (Oman & King, 2000, como citado em Matud, 2004) ou a acusar *stress* relativo aos papéis de cuidador exercido pelas mulheres (Lee, 1999, 2001; Walters, 1993, como citado em Matud, 2004). De um modo geral, distintas parecem ser as conclusões anteriormente obtidas, o que, na nossa opinião, não se revela contraditório se tivermos em conta os múltiplos papéis que são assumidos pelas mulheres. Esposa, mãe, filha, cuidadora, estudante, trabalhadora ou simplesmente mulher, o elemento do género feminino desdobra-se diária e continuamente procurando corresponder a todas as exigências que lhe são impostas. O que nos remete para as palavras de Carter e McGoldrick (1989): “tradicionalmente, as mulheres foram consideradas responsáveis pela manutenção dos relacionamentos familiares e por todos os cuidados: pelos seus maridos, filhos, pais, sogros e por qualquer membro da sua família que se encontre doente ou dependente”. Ainda a este propósito poderemos conjecturar a possibilidade do valor obtido pelo género masculino (relativamente próximo do feminino apesar de estatisticamente

distinto) estar relacionado com uma aproximação dos homens a diversas tarefas familiares e domésticas, tradicionalmente executadas pelo género feminino. De acordo com Mendes (n.d.), na introdução ao seu estudo sobre os “novos pais”, alguns autores (Lamb, 1987; La Rossa, 1981; Rotundo, 1986; White, 1994, como citado em Mendes, n.d.) têm vindo a verificar que os homens, particularmente os mais novos, manifestam desejo em manter ou mantêm já um papel mais activo na vida familiar, procurando ter, na esfera privada, uma “integração” idêntica à do género feminino.

Por outro lado, quando testada a influência de diversas variáveis mediadoras na percepção da vulnerabilidade do sistema familiar ao *stress*, por homens e mulheres, separadamente, percebe-se que variáveis como a idade, a etapa do ciclo vital, o estado civil e o local de residência parecem influenciar essa mesma perspectiva. E aqui surge, para nós, uma primeira surpresa, assente na ausência de influência por parte da variável nível socioeconómico. Tal como é realçado pela APA (2007) no seu relatório “*Task Force on Socioeconomic Status*”, os factores socioeconómicos e a classe social são determinantes fundamentais do funcionamento humano ao longo da vida, influenciando não só o desenvolvimento como também o bem-estar e a saúde física e psicológica. Neste sentido, e dado o momento actual vivido no nosso país, em que as preocupações financeiras são uma constante na maior parte das famílias, poder-se-ia supor que tal influenciase a perspectiva dos sujeitos a propósito da vulnerabilidade da sua família a momentos de crise. Atendendo, então, à influência do factor “idade” na percepção da vivência de *stress* por parte do sistema familiar por elementos do género masculino e feminino, os resultados sugerem que sujeitos de ambos os géneros com idades compreendidas entre os 30 e os 39 anos e os 40 e os 49 anos tendem a apreender a sua família como mais vulnerável ao *stress*. Estas duas faixas etárias, que correspondem a algumas das mais populosas do nosso estudo, são também referidas pela APA (2009), que menciona o crescente número de homens de meia-idade (dos 35 aos 54 anos) a reportar níveis significantes de *stress* relacionado com o trabalho, o dinheiro, as despesas de habitação e a estabilidade em termos de emprego. Tal parece compreensível se atendermos à situação económica actual, uma vez que são elementos do género masculino destas faixas etárias que, regra geral, têm mais encargos (com as despesas familiares, uma vez que os filhos, crianças, adolescentes ou jovens adultos, se encontram a estudar) e a nível profissional mantêm cargos de maior responsabilidade e exigência ou sentem uma maior instabilidade, dada a importância que o factor idade revela ter na escolha para um posto de trabalho, e que pode pôr em causa a sua competência para o mesmo. No mesmo relatório da APA (2009) é salientado que a percentagem de mulheres, entre os 45 e os 54 anos, que relata a existência de *stress* relacionado com questões económicas diminui entre 2008 e 2009.

No entanto, no nosso estudo, esta faixa etária para o género feminino surge, também, como uma das que mais percebe uma vulnerabilidade do seu sistema familiar ao *stress*, o que nos remete, novamente, para o papel da mulher na família. E, desde logo, podemos reportar-nos a um novo estudo da

APA (2006) que conclui que os níveis de *stress* são superiores no elemento da família que assume o papel de cuidador principal. Ora, tal como já havíamos referido, essa é uma tarefa tradicionalmente assumida pelas mulheres (73%) em comparação com os homens (40%) (APA, 2006). Por outro lado, podemos reflectir sobre as exigências impostas aos elementos do género feminino com idades compreendidas entre os 30 e os 49 anos. Muito mais escolarizadas do que no passado, parece provável que seja por volta dos 30 anos que as mulheres comecem a procurar a sua estabilização pessoal e profissional. Com a crise financeira vivida actualmente, a entrada na vida activa parece estar dificultada. Por outro lado, com o aumento da idade do casamento e o crescente número de divórcios e recasamentos, é plausível hipotetizar-se que seja também durante esta faixa etária que as mulheres se vejam confrontadas com os múltiplos desafios que tais circunstâncias exigem (Ferreira, 2004). Podemos ainda supor que tal percepção apresentada por mulheres nestas faixas etárias se pode dever, também, à pressão sentida para ter um filho. Tal como Relvas (1996) sugere, o nascimento de um filho (em partícula do primeiro) encontra-se envolto por inúmeras expectativas, não só por parte do casal como, e arriscamo-nos a sublinhá-lo, por parte da sociedade em geral. Por outro lado, de acordo com a Associação Portuguesa de Fertilidade (2009), são cerca de 120 mil os casais portugueses afectados pela infertilidade⁹. Desta forma, e associando a estes dados a informação fornecida pelo Instituto Nacional de Estatística (2010), de que a idade média da mulher no nascimento do primeiro filho é de 28,4 anos, poder-se-ia supor a possibilidade das mulheres com idades compreendidas entre os 30 e os 49 anos enfrentarem, então, os desafios inerentes às dificuldades de gerar um filho.

Na análise da influência que o factor etapa do ciclo vital detém na percepção de homens e mulheres acerca da vulnerabilidade da sua família ao *stress*, percebe-se que os elementos do género masculino identificam a vivência da etapa “família com filhos pequenos ou em idade escolar” como de maior fragilidade familiar, enquanto os elementos do género feminino realçam a etapa “família com filhos em idade escolar” e “casal sem filhos”. Na nossa opinião, os resultados apresentados pelos homens podem estar relacionados com uma mudança no seu papel enquanto pais, para aquilo que Mintz (1998) designou de “novos” pais e maridos. De acordo com Lamb (1998), é relativamente consensual a opinião de que os pais de hoje em dia desempenham múltiplos papéis nas suas famílias, que não se restringem ao sustento financeiro da mesma mas também ao seu suporte emocional (tanto das crianças como das mães). Esta mudança é já visível em termos

⁹ De acordo com a mesma associação, considera-se que um casal é infértil quando “não alcança a gravidez desejada ao fim de um ano de vida sexual contínua sem métodos contraceptivos” ou “apresenta abortamentos de repetição”, em número igual ou superior a 3 (Sousa, n.d., como citado em Associação Portuguesa de Fertilidade, 2009). Em linha de conta nesta definição entra a idade da mulher que tem que ter menos de 35 anos, o desconhecimento por parte do casal de qualquer causa para a sua infertilidade e a vida sexual do casal, que deve ser activa.

estatísticos no nosso país no que concerne, por exemplo, ao benefício, por parte dos pais, da licença de paternidade. De acordo com dados do Instituto Nacional de Estatística (2010), em 2008 o número de homens a viver essa mesma licença havia sofrido uma variação positiva de 54,7%, relativamente ao ano de 2004. No mesmo relatório do INE (2010) é referido que apesar de, durante o ano de 2008, 94% da assistência a menores ser prestada por mulheres, verificou-se que a percentagem de cuidados prestados por homens duplicou em nove anos (de 3,1% para 6,0%). Por outro lado, no que concerne aos resultados obtidos a partir da amostra feminina, podemos remeter novamente para o papel da mulher no seu seio familiar e apoiarmos até nos últimos dados apresentados. Assim, a mulher na etapa do ciclo vital “família com filhos em idade escolar” vê-se confrontada com a necessidade de gerir múltiplas tarefas, como ser cuidadora principal dos elementos da sua família, sem que tal interfira no seu desempenho profissional. E se atendermos aos dados do INE (2009) verificamos que as mulheres foram, durante o ano de 2008, as principais beneficiárias da licença especial para assistência a menores (46 244).

Relativamente à variável estado civil, os resultados obtidos parecem sugerir que os elementos do género feminino percebem uma maior vulnerabilidade familiar ao *stress* quando vivem em união de facto, salientando-se, também, a vivência do divórcio e do casamento, enquanto no que diz respeito aos elementos do género masculino foi apontado o estado “em união de facto” e casado. No que concerne à vivência do divórcio e da união de facto, podemos reflectir sobre algumas conclusões de Ferreira (2004) e conjecturar se tais perspectivas apresentadas tanto pela “ala” masculina como “feminina” não estarão relacionadas com o facto do casamento, no nosso país, ser ainda a forma de vinculação conjugal predominante. De acordo com este autor, em Portugal as uniões formais (casamento) parecem estar ainda muito estabelecidas, percebendo-se que detêm social e legalmente uma importância bastante sólida, o que pode levar a alguma discriminação da sociedade (particularmente em áreas mais rurais) para com as restantes modalidades conjugais. Por outro lado, e apesar do divórcio ser uma realidade cada vez mais proeminente em Portugal, tal não significa que seja encarado por aqueles que o vivem como algo simples e facilmente ultrapassável. Tal como Ferreira (2004) refere, o casamento é actualmente perspectivado como uma relação em que os cônjuges desejam estar e que apesar dos direitos e deveres que exige, deve ser mantida enquanto ambas as partes assim o entenderem, pelo que o seu fim implica sempre alguns desafios, entre os quais um luto pela relação que termina. Por outro lado, e de uma forma antagónica, surgem valores altos tanto para homens como para mulheres no que concerne à percepção do casamento como uma fonte de *stress* familiar. Antes de mais, urge aludir ao facto de grande parte da fatia da nossa amostra ser casada, o que poderá influenciar os resultados obtidos. Neste sentido, podemos supor que as fontes de *stress* identificadas no casamento surgem por oposição aos “benefícios” que podem ser considerados da vida em coabitação (ou união de facto). De acordo com Singly e Le Marchant (1991, como citado em Relvas & Alarcão,

2007) viver em união de facto tem sido uma opção tomada cada vez mais pelas gerações mais novas, permitindo aos indivíduos recusar os papéis sociais de esposa e marido, a rotina e a delimitação, à partida, da duração da relação.

Por último, convirá, ainda, discernir a propósito dos resultados obtidos em termos de local de residência dos respondentes e que nos indicam que os homens que vivem em áreas mediana e predominantemente urbanas percebem uma maior vulnerabilidade do seu sistema familiar ao *stress*, enquanto as mulheres apresentam valores mais elevados apenas nas áreas predominantemente urbanas. De acordo com um estudo de Valente (2004), indivíduos que habitam em áreas metropolitanas identificam como aspectos negativos o ruído e o lixo, a poluição do ar, o trânsito, o excesso de edifícios e, conseqüentemente, uma vivência acentuada de *stress*, o que poderá justificar os valores obtidos por ambos os géneros. A vivência em áreas predominantemente rurais parece ser perspectivada por ambos os géneros como mais apaziguadora, o que poderá estar relacionado com o facto de nesses meios existir um maior suporte social da vizinhança.

E no que diz respeito à percepção que homens e mulheres possuem acerca das estratégias de *coping* utilizadas pelo seu sistema familiar aquando do confronto com situações indutoras de *stress*? Através de uma primeira análise foram obtidos resultados que sugerem que os elementos do género feminino não diferem nas perspectivas que apresentam dos sujeitos do género masculino, o que de certa forma nos surpreende. Neste sentido, Matud (2004) refere que Miller e Kirsch (1987, como citado em Matud, 2004) identificaram diversos estudos que reportavam diferenças na forma como homens e mulheres lidavam com o *stress*. De acordo com os mesmos autores (*idem*) os resultados sugeriam, então, que os elementos do género masculino tenderiam a recorrer a estratégias focadas no problema, enquanto os elementos do género feminino a estratégias centradas na emoção, podendo essa tendência ser alterada na presença de determinadas circunstâncias. Não obstante, Matud (2004) referencia, ainda, diversos autores que sugeriram que a forma como os indivíduos enfrentam circunstâncias indutoras de *stress* pode ser condicionada pelos padrões tradicionais de socialização (Almeida & Kessler, 1998; Barnet et al., 1987, como citado em Matud, 2004). No entanto, para Vieira (2006) os papéis tradicionais de género têm vindo a ser postos em causa, questionando-se os estereótipos existentes e surgindo a necessidade de redefinir os mesmos em função de diferentes áreas da vida. E é neste âmbito que o nosso trabalho poderá apresentar um contributo, realçando a mudança gradual que os papéis de género têm vindo a sofrer com as novas exigências que lhe são impostas pelo mundo contemporâneo.

Mas se as diferenças de género não parecem influenciar a percepção dos indivíduos a propósito das estratégias de *coping* utilizadas no seu seio familiar, outras variáveis desempenham um papel fulcral. E a idade é um desses factores. Assim, os resultados obtidos sugerem que os indivíduos com idade igual ou superior a 80 anos tendem a recorrer menos ao reenquadramento como estratégia de *coping*. Tal poderá estar relacionado

com a manifestação, por parte dos idosos, de uma certa resignação aos acontecimentos *stressantes* com que se vão confrontando. A maior parte dos idosos desta idade é já viúvo e/ou vê aqueles que lhe são próximos em idade a falecer, o que os poderá levar a questionar a necessidade de enfrentar as dificuldades quando o fim da vida parece tão próximo. Por outro lado, esta é também uma idade em que se verifica alguma rigidificação do pensamento, o que poderá dificultar a reinterpretção dos factos perante um novo quadro. Apesar de recorrerem um pouco mais a esta estratégia, os indivíduos com idades compreendidas entre os 50 e os 59 anos não apresentam diferenças estatisticamente significativas quando comparados com os idosos de idade superior a 80 anos. De certa forma, ficámos surpresas com o resultado, o que nos levou a questionar o que poderia justificar tal facto. E vimo-nos, assim, remetidas para as características desta fase da vida. Para Erikson (n.d., como citado em Veríssimo, 2002) os indivíduos com idades compreendidas entre os 40 e os 60 anos enfrentam neste estágio a tarefa de “escolher” entre a generatividade/produktividade e estagnação/imersão em si. Assim, durante esta fase parece surgir uma preocupação em analisar o passado, em redefinir um novo rumo a tomar e em reflectir acerca do seu papel na vida e no mundo. Com os filhos criados e prontos a “voar do ninho”, a aproximação da idade da reforma e o “reencontro” com o cônjuge, esta é uma faixa etária de questionamento pessoal e profissional, o que poderá justificar um certo desencorajamento e desânimo sentido por estes indivíduos."

No que diz respeito à procura de apoio espiritual como forma de enfrentar acontecimentos ou circunstâncias indutoras de *stress*, verifica-se que são também os indivíduos mais velhos (de idade superior a 60 anos) quem mais recorrem a esta estratégia. Tal parece ir de encontro às conclusões obtidas por Neri (2007), que salientam a possibilidade de, por ocasião da meia-idade, ocorrer uma mudança na direcção da religiosidade dos sujeitos ou, por outro lado, de que comportamentos religiosos, que já manifestavam, adquirirem uma nova força e direcção à medida que envelhecem. A mesma autora (2007) salienta, ainda, a hipótese do maior envolvimento do sujeito em actividades de cariz religioso estar relacionado com um progressivo desinvestimento noutras tarefas sociais.

Quando atendemos à estratégia de aquisição de apoio social nas relações de vizinhança, podemos perceber que são, novamente, os indivíduos mais idosos (de idade igual ou superior a 80 anos) quem mais recorre a tal estratégia. O que fará sentido se atendermos ao facto da maior parte destes sujeitos estar já viúvo e viver sozinho em casa, necessitando, por isso, de um maior apoio informal, muitas vezes disponibilizado pela vizinhança, que os auxilia em pequenas tarefas domésticas ou relacionadas com a saúde ou, simplesmente, em termos de companhia social. Os nossos resultados estão também de acordo com dados do INE (2002), que atestam que a maior parte dos idosos mantém relações sociais e de vizinhança bastante significativas, salientando que conversam todos os dias com familiares, amigos ou vizinhos.

Por último, os nossos resultados parecem, ainda, sugerir que apenas os sujeitos com idades compreendidas entre os 40 e os 59 anos não recorrem de

forma significativa à aceitação passiva como estratégia de *coping*, o que poderá estar, uma vez mais, relacionado com o estágio de desenvolvimento psicossocial que Erikson (n.d., como citado em Veríssimo, 2002) propôs para esta faixa etária. A resolução do conflito que a sociedade impõe ao sujeito nesta etapa, implica o desenvolvimento de tarefas diversas como casar, ter filhos e trabalhar de forma produtiva e criativa. As preocupações e responsabilidades durante esta fase são, então, múltiplas, tendo o indivíduo que cuidar não só dos seus descendentes como dos seus progenitores, ao mesmo tempo que procura criar e manter o bem-estar familiar e comunitário. Ora, face a tantas exigências familiares e sociais, podemos perceber que esta é uma idade em que o indivíduo actua de forma activa sobre os desafios com que se vai confrontando.

De entre todas as variáveis mediadoras analisadas no nosso estudo, também o nível socioeconómico parece exercer uma forte influência na percepção que os indivíduos têm acerca das estratégias utilizadas pela família como forma de enfrentar situações adversas. Numa época marcadamente difícil em termos económicos (como é o caso daquela que se tem vivido ao longo dos últimos anos no nosso país), o desespero, a frustração e o medo parecem acompanhar o dia-a-dia de quem não tem recursos económicos suficientes para manter o nível de vida desejado. E, neste sentido, parece fácil perceber que sujeitos com um nível socioeconómico baixo recorram com maior facilidade à religiosidade como forma de conforto. Também o recurso ao apoio social disponibilizado pela vizinhança parece ser mais utilizado pelos indivíduos com dificuldades económicas, sendo possível perceber que, num momento em que a situação financeira surge como uma grande angústia, se recorra à vizinhança numa tentativa de obter uma solução mais imediata e familiar para os seus problemas. Ainda no âmbito da procura de auxílio, mas desta vez formal, a variável socioeconómica parece desempenhar um papel fulcral. No entanto, esta não parece ser uma estratégia utilizada de forma particular por indivíduos de nível socioeconómico baixo, médio ou elevado, o que nos leva a supor que, face a circunstâncias indutoras de *stress*, as famílias tendem a recorrer com relativa facilidade aos serviços técnico-profissionais que encontram ao seu dispor. A avaliação e aceitação passiva dos acontecimentos *stressantes*, com que se vão confrontando, é também uma estratégia a que os indivíduos com um nível socioeconómico baixo percebem recorrer. Dominados por sentimento de impotência e desespero, os indivíduos com dificuldades económicas poderão optar por se conformar à condição em que se encontram e aceitar o problema, actuando o mínimo sobre o mesmo como forma até de salvaguardar alguma força dessa luta. De tudo o que foi já descrito a propósito desta variável, será fácil depreender que a vivência de dificuldades económicas detém um papel preponderante no recurso do sistema familiar às estratégias de *coping* em geral.

Já o local onde os sujeitos residem (no caso do nosso estudo, as áreas predominantemente rurais), parece influenciar o recurso a estratégias de procura de apoio espiritual. De acordo com Vilaça (n.d.), o mapa

religioso típico de Portugal engloba uma área forte de catolicismo e prática religiosa (o norte do país e as ilhas), que se esbate à medida que caminhamos para sul. Na opinião da autora, tais dados parecem sugerir a possibilidade da religiosidade poder ser explicada pelo local de residência. Por outro lado, realça ainda que são as gerações mais velhas, aquelas que mais foram marcadas por valores religiosos, o que indicia que também a idade parece ter um papel na distinção da religiosidade (Vilaça, n.d.). Neste sentido, não poderemos então extrapolar que a vivência em áreas predominantemente rurais (com uma população marcadamente mais idosa) pode influenciar a vivência de religião e, conseqüentemente, o maior recurso à mesma como forma de confronto das dificuldades? Por outro lado, o local de residência parece ser a única variável estudada que interage significativamente com o género dos respondentes na mobilização de apoio formal. No entanto, é apenas possível concluir que ser homem ou mulher e habitar em áreas predominantemente rurais, mediana ou predominantemente urbanas parece influenciar a percepção dos respondentes no que concerne ao recurso da sua família a organizações e serviços de cariz formal, quando confrontados com fontes de *stress*.

Também na percepção das estratégias de *coping* utilizadas pelo sistema familiar, o estado civil dos respondentes parece ter um papel importante. Várias foram as relações identificadas a partir do nosso estudo, no entanto, e dada a restrição de espaço, debruçar-nos-emos apenas sobre alguns dos aspectos em destaque. Desta forma, percebe-se que os indivíduos viúvos tendem a recorrer muito mais ao apoio espiritual como forma de confronto e/ou conforto face às situações adversas, tal como é visível que viver em união de facto parece estar inversamente relacionada com o recurso à espiritualidade. No que concerne à viuvez, podemos aludir ao estudo qualitativo realizado por Tôrres (2006) e no qual é patente (através do discurso dos entrevistados) a importância que a religião para os viúvos/as, que têm que lidar com sentimentos dolorosos de perda, desorientação e solidão face ao desaparecimento do seu ente querido. Por outro lado, a vivência em união de facto parece influenciar o recurso não só ao apoio espiritual ou ao apoio social nas relações da vizinhança, mas também (se bem que de uma forma muito menos proeminente) à avaliação passiva das circunstâncias ou acontecimentos *stressantes*. Se tivermos em conta os nossos resultados que sugerem que os indivíduos em união de facto recorrem menos do que os casados e divorciados a estratégias de *coping* em geral, podemos inferir que estes percebem, também de uma forma ampla, uma menor vulnerabilidade do sistema familiar ao *stress*. Bem sabemos que tal ideia contraria as conclusões retiradas anteriormente, a propósito dos resultados obtidos com a análise do FILE mas, neste sentido, importará salientar as fragilidades que este inventário demonstrou possuir e que tornam o seu uso mais proveitoso como listagem/ *checklist* de identificação dos possíveis *stressores* com que uma família se possa estar a confrontar num dado momento, do que como instrumento de avaliação.

Por último, importa salientar o impacto que a etapa do ciclo vital vivida pelo sistema familiar parece ter no seu recurso a determinadas

estratégias. Assim, os resultados obtidos sugerem que o “casal sem filhos” tende a recorrer ao apoio espiritual muito menos do que as restantes etapas presentes no estudo. Tal aspecto poder-se-á fundamentar na etapa de maior envolvimento emocional que a formação de casal exige. Na sua tarefa de criação de “nós”, parece perceptível que o casal se centre muito em si, não abrindo espaço à focalização em aspectos extrínsecos como a religião. Por outro lado, podemos perspectivar tais resultados dum outro prisma e reflectir sobre a influência que os filhos podem exercer na ligação do sistema familiar à religião. No nosso país, de ideologia marcadamente católica, parece ainda haver uma “tradição” de que as crianças comecem desde muito novas a contactar com a Igreja, partindo do baptismo (muitas vezes realizado quando ainda bebês), para depois se seguir toda uma doutrina de catequese, que culmina no cumprimento dos sete sacramentos determinados pela religião Católica. Seja para cumprir a promessa feita perante Deus (de educar os filhos segundo a lei de Cristo) aquando do baptismo destes ou simplesmente para agradecer as graças concedidas por Ele ao longo da vida, a verdade é que a partir do momento em que se tem um descendente a cargo, a ligação à religião parece estreitar-se. Também a etapa do ciclo vital “ninho vazio”, parece influenciar a percepção dos sujeitos acerca do recurso da sua família a determinadas estratégias de confronto, nomeadamente a procura de apoio espiritual e o recurso ao apoio social da vizinhança. De forma análoga ao que já foi referido para a população idosa, parece-nos que a saída dos filhos de casa pode propiciar um maior recurso à espiritualidade e ao apoio fornecido pelos vizinhos como forma de auxílio nesta etapa em que o reencontro conjugal surge como desafio maior, a par da necessidade de flexibilidade intergeracional (Relvas, 1996).

Após esta exaustiva reflexão sobre os resultados obtidos, urge ponderar acerca das maiores implicações deste estudo. Em primeiro lugar, pensamos que poderá servir de ponto de partida para futuras investigações sobre a percepção de *stress* e *coping* familiares, uma vez que este é um campo ainda muito inexplorado, não só a nível nacional como internacional. A sua reflexão acerca da influência que o género pode exercer na percepção da vivência familiar de *stress* e no seu recurso a estratégias de confronto surge com maior importância se atendermos, tal como já foi referido, às mudanças de papel, em função do género, que parecem estar a ocorrer nos dias de hoje. Por outro lado, o facto deste estudo se basear numa amostra relativamente grande, permite a sua extrapolação à população geral, o que se revela também uma mais-valia. E se as suas implicações são várias, diversas são também as suas limitações. Na nossa opinião, explorar a idade dos respondentes aquando do nascimento do seu primeiro filho poder-se-ia ter revelado muito interessante e, *quicá*, permitir retirar conclusões nesse sentido. Dada a lacuna do nosso estudo, tal não foi possível, tendo-nos sido apenas permitido conjecturar sobre a influência que tal factor poderia exercer na percepção da vulnerabilidade do sistema familiar. Por outro lado, cruzar variáveis como a idade e o local de residência dos respondentes poderia permitir uma série de outras extrapolações.

VI - Conclusões

É inevitável o confronto constante com situações e acontecimentos indutores de *stress*. Por vezes a sua natureza é normativa e assenta em aspectos expectáveis do ciclo de vida pessoal e familiar, mas pode também assentar em factores imprevistos e inesperados (como o diagnóstico de uma doença grave ou o falecimento de um filho). Independentemente da sua essência, perturba a homeostase do indivíduo e/ou do seu sistema familiar, exigindo uma resposta que permita a adaptação dos seus intervenientes às condições adversas. Para tal, recorrem a um conjunto de estratégias de *coping* que lhes permitem confrontar as dificuldades que lhes foram impostas e atingir um novo estado de equilíbrio. Não existindo uma estratégia mais ou menos adequada, a sua eficácia depende, essencialmente, da possibilidade de reduzir a tensão que o acontecimento causou e controlar a situação.

Partindo da premissa que homens e mulheres diferem em inúmeros aspectos, parecia essencial estudar a influência exercida pelo género na percepção que detêm sobre a vulnerabilidade do seu sistema familiar ao *stress* e as estratégias de *coping* utilizadas pelo mesmo no seu confronto. E se foi possível verificar que elementos do género masculino e feminino diferem significativamente no que diz respeito à percepção de *stress* familiar, também foi possível infirmar que homens e mulheres não se distinguem na forma como percebem as estratégias de *coping* utilizadas pela sua família. Durante a análise exploratória dos dados foi, ainda, possível perceber que o género parece não exercer uma influência significativa no recurso a determinadas estratégias, o que parece apoiar a perspectiva defendida por Vieira (2006), de que, nos últimos anos, os papéis de género têm vindo a ser postos em causa, exigindo-se um questionamento e reestruturação dos estereótipos a estes associados.

Quando tidas em conta outras variáveis, por nós consideradas possíveis mediadoras dos resultados, percebeu-se que o nível socioeconómico detém um papel fulcral no recurso às estratégias de *coping* em geral, o que nos parece ser congruente com o panorama social e político que se tem vindo a estabelecer no nosso país nos últimos anos. Por outro lado, também a idade e o estado civil dos respondentes pareceu influenciar a sua percepção acerca das estratégias de confronto utilizadas pelo sistema familiar, parecendo-nos ir de encontro ao que seria espectável.

A fraca relação entre os instrumentos por nós analisados alerta-nos para as fragilidades do FILE enquanto instrumento de avaliação e leva-nos a salientar a sua utilidade, em termos clínicos, enquanto inventário.

Bibliografia

Aldwin, C. M. (2007). *Stress, coping and development: an integrative perspective*. [versão electrónica]. Consultado em Novembro 20, 2009, em: http://books.google.pt/books?id=SWW3V39ak34C&printsec=frontcover&source=gbs_slider_thumb#v=onepage&q=&f=false

Género e sua influência na percepção do *stress* e *coping* familiares
Inês Isabel Antunes Oliveira (e-mail: ines-oliveira@live.com.pt) 2010

Almeida, L. S., & Freire, T. (2003). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. Braga: Psiquilíbrios. (Trabalho original publicado em 1997).

Amâncio, L. (1993). Género – representações e identidades. *Sociologia – Problemas e Práticas*, 14, 127-140.

Amâncio, L. (1994). *Masculino e feminino – a construção social da diferença*. Porto: Edições Afrontamento.

American Psychological Association. (2006). *APA Survey Finds Gender Differences in the Effects of Stress*. [versão electrónica]. Consultado em Abril 30, 2010, acedido em: <http://www.apapracticecentral.org/news/2006/stress-gender.aspx>

American Psychological Association. (2007). *Report of the apa task force on socioeconomic status*. [versão electrónica]. Consultado em Maio 12, 2010, acedido em: <http://www.apa.org/pi/ses/resources/publications/task-force-2006.pdf>

American Psychological Association. (2009). *APA Poll Find Economic Stress Taking a Toll on Men*. [versão electrónica]. Consultado em Abril 30, 2010, acedido em: <http://www.apapracticecentral.org/news/2009/stress-men.aspx>

Andolfi, M. (1980) *A terapia familiar*. Lisboa: Veja.

Antoniazzi, A. S.; Dell’Aglia, D. D., & Bandeira, D. R. (1998). O conceito de *coping*: uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*, 3 (2), 273-294.

Arber, S.; Davidson, K., & Ginn, J. (2003). *Gender and ageing*. Philadelphia: Editors and Contributors.

Associação Portuguesa de Fertilidade (2009). *Infertilidade afecta cerca de 120 mil casais portugueses*. Consultado em Maio 12, 2010, acedido em: <http://www.apfertilidade.org/web/index.php/noticias-e-destaques/58-noticias/245-infertilidade-de-120-mil-casais-portugueses>

Boss, P. (2002). *Family stress management: a contextual approach*. Thousand Oaks, California: Sage Publications (Trabalho original publicado em 1997).

Burton, L. M., & Snyder. A. R. (1998). The invisible man revisited: comments on the life course, history, and men’s roles in American families. In A. Booth, & A. C. Crouter (eds.), *Men in families: when do they get involved*. (31-40). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Canary, D. J.; Emmers-Sommer, T. M., & Faulkner, S. (1997). *Sex and gender differences in personal relationships*. [versão electrónica]. Consultado em Dezembro 10, 2009, acedido em: http://books.google.pt/books?id=ABra1vFQPOUC&printsec=frontcover&source=gbs_slider_thumb#v=onepage&q=&f=false

Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Medicas (Trabalho original publicado em 1989).

Costa, E. S., & Leal, I. P. (2006). Estratégia de coping em estudantes do ensino superior. *Análise Psicológica*, 2, 189-199.

Costa, V. F. A. (2009). *Percepção de stress e coping familiares por pais de crianças e jovens com doença crónica - um estudo exploratório* (dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Day, A. L., & Livingstone, H. A. (2003). Gender differences in perceptions of stressors and utilization of social support among university students. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 35 (2), 73-83.

Ferreira, P. M. (2004). *Tendências de mudança no casamento em Portugal – uma sociografia dos últimos vinte anos*. In Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Consultado em Maio 14, 2010, acedido em: <http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/PedroMouraFerreira.pdf>

Folkman, S.; Lazarus, R. S.; Dunkel-Schetter, C.; DeLongis, A., & Gruen, R. J. (1986). Dynamics of a stressful encounter: cognitive appraisal coping, and encounter outcomes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 992-1003.

Goldenberg, H., & Goldenberg, I. (2004). *Family therapy: an overview*. [versão electrónica]. Consultado em Novembro 30, 2009, acedido em http://books.google.pt/books?id=Tnd4WcFv2lcC&printsec=frontcover&source=gbs_slider_thumb#v=onepage&q=&f=false

Hänninen, V., & Aro, H. (1996). Sex differences in coping and depression among young adults. *Social Science & Medicine*, 43 (10), 1453-1460.

Hobfoll, S. E., & Spielberger, C. D. (1992). Family stress: integrating theory and measurement. *Journal of Family Psychology*, 6 (2), 99-- 112.

Instituto Nacional de Estatística. (2002). *O Envelhecimento em Portugal*. Consultado em Maio 10, 2010 acedido em: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=71107&DESTAQUESmodo=2

Instituto Nacional de Estatística. (2008). *As pessoas*. [versão electrónica]. Consultado em Maio 14, 2010, acedido em: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=85095248&PUBLICACOESmodo=2

Instituto Nacional de Estatística. (2009). *Duração da licença especial para assistência a menores*. Consultado em Maio 12, 2010, acedido em: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0001391&contexto=bd&selTab=tab2

Instituto Nacional de Estatística. (2010). *Homens e mulheres em Portugal*. [versão electrónica]. Consultado em Maio 14, 2010, acedido em: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=87769374&PUBLICACOESmodo=2

Kato, K., & Pedersen, N. L. (2005). Personality and coping: a study of twins reared apart and twins reared together. *Behaviour Genetics*, 35, 147--158.

Kopala, M., & Keitel, M. A. (2003). *Handbook of counseling women*. [versão electrónica]. Consultado em Dezembro 10, 2009, acedido em

http://books.google.pt/books?id=d3p1cQrPvugC&printsec=frontcover&source=gbs_slider_thumb#v=onepage&q=&f=false

Lavee, Y., & Olson, D. H. (1991). Family Types and Response to Stress. *Journal of Marriage and the Family*, 53 (3), 786-798.

Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. [versão electrónica]. Consultado em Novembro 20, 2009, acedido em <http://books.google.pt/books?id=iySQQuUpr8C&printsec=frontcover&dq=lazarus+%26+folkman&cd=1#v=snippet&q=150&f=false>

Lazarus, R., & DeLongis, A. (1983). Psychological stress and coping in aging. *American Psychologist*, 38, 245-254.

Lipp, M. E. N., & Tanganelli, M. S. (2002). Stress e qualidade de vida em magistrados da justiça do trabalho: diferenças entre homens e mulheres. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15 (3), 537-548.

Lopes, R. H. R. A. (2008). *Estudo de validação do inventário familiar de acontecimentos e mudanças de vida (FILE) numa amostra de população geral portuguesa* (dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Maroco, J. (2007). *Análise estatística – com utilização do spss*. Lisboa: Edições Sílabo. (Trabalho original publicado em 2003).

Martins, C. F. (2008). *F-COPES: Estudo de validação para a população portuguesa* (dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Matheny, K. B.; Curlette, W. L.; Aysan, F.; Herrington, A.; Gfroerer, C. A.; Thompson, D., & Hamarat, E. (2002). Coping resources, perceive stress, and life satisfaction among Turkish and American university students. *International Journal of Stress Management*, 9 (2), 81-97

Matud, M. P. (2004). Gender differences in stress and coping styles. *Personality and Individual Differences*, 37, 1401-1415.

McKenry, P. C., & Prince, S. J. (2005). Families coping with change. In P. C. McKenry, & S. J. Prince (eds.), *Families and change: coping with stressful events*. (1-23). Thousand Oaks, California: Sage Publications.

Mealey, L. (2000). *Sex differences: development and evolutionary strategies*. San Diego, California: Academic Press.

Mendes, R. (n.d.). *À procura dos novos pais: representações e atitudes perante a paternidade*. In Actas Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia. Consultado em Maio 14, 2010, acedido em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628d105a605e_1.pdf

Mercier, C., Péladeau, N., & Tempier, R. (1998). Age, gender and quality of life. *Community Mental Health Journal*, 34 (5), 487 – 500.

Mikhail, A. (1985). Stress: a psychophysiological conception. In A. Monat, & R. S. Lazarus (eds.). *Stress and coping: an anthology*. New York: Columbia University Press.

Mintz, S. (1998). From patriarch to androgyny and other myths: placing men's family roles in historical perspective. In A. Booth, & A. C. Crouter (eds.), *Men in families: when do they get involved*. (3-30). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Morais, T. (2008). *Das "Famílias Lançadoras" ao "Ninho Vazio"- percepção dos pais do Stress, Coping e Qualidade de Vida Familiar: um estudo exploratório* (dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Nabais, A. F. (2009). Diferenças de género na percepção do *stress*, *coping* e qualidade de vida familiares. *Mosaico*, 43, 24-35.

Olson, D. H.; DeFrain, J., & Skogrand, L. (2003). *Marriage and families: intimacy, diversity and strenghts*. Boston: Mcgraw – Hill (Trabalho original publicado em 2002).

Olson, D. H.; McCubbin, H. I.; Barnes, H. L.; Larsen, A. S.; Muxen, M. J., & Wilson, M. A. (1983). *Families: What makes them work?* Sage Publications: Beverly Hills.

Pais-Ribeiro, J., & Santos, C. (2001). Estudo conservador de adaptação do ways of *coping* questionnaire a uma amostra e contexto portugueses. *Análise Psicológica*, 4, 491-501.

Patton, W., & Goddard, R. (2006). Coping with stress in the Australian job network: gender differences. *Journal of Employment Counseling*, 43, 135-144.

Pereira, A. M. S. (1991). *Coping, auto-conceito e ansiedade social* (dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra.

Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2003). *Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do spss*. Lisboa: Edições Sílabo (Trabalho original publicado em 2000).

Poeschl, G.; Múrias, C., & Ribeiro, R. (2003). As diferenças entre os sexos: mito ou realidade?. *Análise Psicológica*, 2, 213-228.

Porter, L. S., & Stone, A. A. (1996). Na approach to assessing daily coping. In M. Zeidner, & N. S. Endler (eds.), *Handbook of coping: theory, research, applications* (133-150). [versão electrónica]. Consultado em Dezembro 10, 2009, acedido em <http://books.google.pt/books?id=IZWHsi0DwZIC&pg=PA144&dq=%22gender+differences%22%2B%22coping%22%3B%22porter%22&lr=&cd=3#v=onepage&q=%22gender%20differences%22%2B%22coping%22%3B%22porter%22&f=false>

Porter, L. S.; Marco, C. A.; Schwartz, J. E. ; Neale, J. M.; Shiffman, S., & Stone, A. A. (2000). Gender differences in coping: A comparison of trait and momentary assessments. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 19 (4), 480-498.

Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família: perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.

Relvas, A. P. (2005). Famílias e *stress*: Das crises normativas às crises inesperadas, como intervir numa perspectiva sistémica. In A. M.

Pinto, & A. L. Silva (eds.), *Stress e bem-estar: Modelos e domínios de aplicação* (43-58). Lisboa: Climepsi.

Relvas, A. P., & Alarcão, M. (2007). *Novas formas de família*. Coimbra: Quarteto (Trabalho original publicado em 2002).

Sampaio, D., & Gameiro, J. (2005). *Terapia Familiar*. Porto: Edições Afrontamento.

Selye, H. (1985). History and present status of the *stress* concept. In A. Monat, & R. S. Lazarus (eds.). *Stress and coping: an anthology*. New York: Columbia University Press.

Somerfield, M. R., & McCrae, R. R. (2000). *Stress and coping* research – methodological challenges, theoretical advances and clinical applications. *American Psychologist*, 55 (6), 620-650.

Sousa, M. (n.d.). *A infertilidade é uma doença*. Consultado em Maio 12, 2010, acedido em: <http://www.apfertilidade.org/web/index.php/infertilidade>

Tôrres, E. M. (2006). *A viuvez na vida dos idosos*. (dissertação de pós-graduação não publicada). Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, Salvador da Bahia, Brasil.

Valente, S. (2004). *Áreas metropolitanas - vivências, mobilidades e qualidade de vida*. [versão electrónica]. Consultado em Maio 03, 2010, acedido em: <http://observa.iscte.pt/docs/relatorio%20AM.pdf>

Vaz Serra, A. (1999). *O stress na vida de todos os dias*. Coimbra: Gráfica Coimbra.

Vaz Serra, A. (2005). As múltiplas facetas do stress. In A. M. Pinto, & A. L. Silva (eds.), *Stress e bem-estar: Modelos e domínios de aplicação* (17-41). Lisboa: Climepsi.

Veríssimo, R. (2002). *Desenvolvimento psicossocial*. Porto: Faculdade de Medicina do Porto. [versão electrónica]. Consultado em Maio 18, 2010, acedido em <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/9133/2/Desenvolvimento%20psicossocial%20Erik%20Erikson.pdf>

Vieira, C. M. C. (2006). *É menino ou menina? Género e educação em contexto familiar*. Coimbra: Almedina.

Vilaça, H. (n.d.). *Gradações do pluralismo religioso dos portugueses*. Consultado em Maio 10, 2010, acedido em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/257.pdf>



UC/FPCE_2010

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Género e sua influência na percepção do *stress* e *coping* familiares

Inês Isabel Antunes Oliveira (e-mail: ines-oliveira@live.com.pt)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, sub-área de especialização em Sistémica Saúde e Família sob a orientação da Professora Doutora Madalena de Carvalho

ANEXOS

Índice

Anexo I – Teste da Equivalência das amostras	1
Anexo III – Teste de Normalidade.....	2
Anexo IV – Teste de Homogeneidade	2
Anexo V – Características Psicométricas dos Instrumentos	3
1. F-COPES.....	3
2. FILE	4
Anexo VI – Coeficiente de correlação de <i>Bravais-Pearson</i>	7
Anexo VII – Teste <i>T-student</i> para amostras independentes – F-COPES.....	7
Anexo VIII – ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Reenquadramento * Género * Variáveis Mediadoras.....	8
1. ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Reenquadramento * Género * Idade	8
2. ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Reenquadramento * Género * Nível Socioeconómico.....	8
3. ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Reenquadramento * Género * Estado Civil	8
4. ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Reenquadramento * Género * Etapa do Ciclo Vital da Família	8
5. ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Reenquadramento * Género * Local de Residência	8
Anexo IX – Teste de <i>Bonferroni</i> - F-Copes Factor Reenquadramento * Género * Idade.....	9
Anexo X – ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Procura de Apoio Espiritual * Género * Variáveis Mediadoras.....	11
1. ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Procura de Apoio Espiritual * Género * Idade	11
2. ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Procura de Apoio Espiritual * Género * Nível Socioeconómico.....	11
3. ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Procura de Apoio Espiritual * Género * Estado Civil	11
4. ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Procura de Apoio Espiritual * Género * Etapa do Ciclo Vital da Família	11
5. ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Procura de Apoio Espiritual * Género * Local de Residência	11
Anexo XI – Teste de <i>Bonferroni</i> - F-Copes Factor Procura de Apoio Espiritual * Género * Variáveis Mediadoras.....	12
1. Teste de <i>Bonferroni</i> - F-Copes Factor Procura de Apoio Espiritual * Género * Idade	12
2. Teste de <i>Bonferroni</i> - F-Copes Factor Procura de Apoio Espiritual * Género * Nível Socioeconómico.....	14
3. Teste de <i>Bonferroni</i> - F-Copes Factor Procura de Apoio Espiritual * Género * Local de Residência	14
4. Teste de <i>Bonferroni</i> - F-Copes Factor Procura de Apoio Espiritual * Género * Estado Civil	15

5.	Teste de <i>Bonferroni</i> - F-Copes Factor Procura de Apoio Espiritual * Género * Etapa do Ciclo Vital da Família	16
Anexo XII – ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social – Relações de Vizinhaça * Género * Variáveis Mediadoras		
1.	ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social – Relações de Vizinhaça * Género * Idade.....	18
2.	ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social – Relações de Vizinhaça * Género * Nível Socioeconómico.....	18
3.	ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social – Relações de Vizinhaça * Género * Estado Civil.....	18
4.	ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social – Relações de Vizinhaça * Género * Etapa do Ciclo Vital da Família	18
5.	ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social – Relações de Vizinhaça * Género * Local de Residência	18
Anexo XIII - Teste de <i>Bonferroni</i> - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social – Relações de Vizinhaça * Género * Variáveis Mediadoras		
1.	Teste de <i>Bonferroni</i> - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social * Género * Idade..	19
2.	Teste de <i>Bonferroni</i> - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social * Género * Nível Socioeconómico.....	21
3.	Teste de <i>Bonferroni</i> - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social * Género * Estado Civil	21
4.	Teste de <i>Bonferroni</i> - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social * Género * Etapa do Ciclo Vital da Família	22
Anexo XIV - ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social – Relações Íntimas * Género * Variáveis Mediadoras		
1.	ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social – Relações Íntimas * Género * Idade.....	25
2.	ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social – Relações Íntimas * Género * Nível Socioeconómico	25
3.	ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social – Relações Íntimas * Género * Estado Civil.....	25
4.	ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social – Relações Íntimas * Género * Etapa do Ciclo Vital da Família	25
5.	ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social – Relações Íntimas * Género * Local de Residência	25
Anexo XV - ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Mobilização de Apoio Formal * Género * Variáveis Mediadoras.....		
1.	ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Mobilização de Apoio Formal * Género * Idade..	26
2.	ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Mobilização de Apoio Formal * Género * Nível Socioeconómico.....	26
3.	ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Mobilização de Apoio Formal * Género * Estado Civil	26
4.	ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Mobilização de Apoio Formal * Género * Etapa do Ciclo Vital da Família	26
5.	ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Mobilização de Apoio Formal * Género * Local de Residência	26

Anexo XVI - Teste de <i>Bonferroni</i> - F-Copes Factor Mobilização de Apoio Formal * Género *	
Variáveis Mediadoras.....	27
1. Teste de <i>Bonferroni</i> - F-Copes Factor Mobilização de Apoio Formal * Género * Nível Socioeconómico.....	27
2. Teste de <i>Bonferroni</i> - F-Copes Factor Mobilização de Apoio Formal * Género * Local de Residência	27
Anexo XVII - ANOVA <i>one-way</i>	28
1. ANOVA <i>one-way</i> - F-Copes Factor Mobilização de Apoio Formal * Género.....	28
2. ANOVA <i>one-way</i> - F-Copes Factor Mobilização de Apoio Formal * Local de Residência	28
Anexo XVIII - ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Aceitação Passiva * Género * Variáveis Mediadoras.....	29
1. ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Aceitação Passiva * Género * Idade.....	29
2. ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Aceitação Passiva * Género * Nível Socioeconómico.....	29
3. ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Aceitação Passiva * Género * Estado Civil.....	29
4. ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Aceitação Passiva * Género * Etapa do Ciclo Vital da Família	29
5. ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Aceitação Passiva * Género * Local de Residência	29
Anexo XIX - Teste de <i>Bonferroni</i> - F-Copes Factor Aceitação Passiva * Género * Variáveis Mediadoras.....	30
1. Teste de <i>Bonferroni</i> - F-Copes Factor Aceitação Passiva * Género * Idade	30
2. Teste de <i>Bonferroni</i> - F-Copes Factor Aceitação Passiva * Género * Nível Socioeconómico.....	32
Anexo XX - ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Avaliação Passiva * Género * Variáveis Mediadoras.....	33
1. ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Avaliação Passiva * Género * Idade	33
2. ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Avaliação Passiva * Género * Nível Socioeconómico.....	33
3. ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Avaliação Passiva * Género * Estado Civil.....	33
4. ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Avaliação Passiva * Género * Etapa do Ciclo Vital da Família	33
5. ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Avaliação Passiva * Género * Local de Residência	33
Anexo XXI - Teste de <i>Bonferroni</i> - F-Copes Factor Avaliação Passiva * Género * Variáveis Mediadoras.....	34
1. Teste de <i>Bonferroni</i> - F-Copes Factor Aceitação Passiva * Género * Nível Socioeconómico.....	34
2. Teste de <i>Bonferroni</i> - F-Copes Factor Aceitação Passiva * Género * Estado Civil....	34
Anexo XXII - ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Total * Género * Variáveis Mediadoras	36
1. ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Total * Género * Idade	36
2. ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Total * Género * Nível Socioeconómico.....	36
3. ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Total * Género * Estado Civil	36
4. ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Total * Género * Etapa do Ciclo Vital da Família	36

5.	ANOVA <i>two-way</i> - F-Copes Factor Total * Género * Local de Residência.....	36
Anexo XXIII - Teste de <i>Bonferroni</i> - F-Copes Factor Total * Género * Variáveis Mediadoras ...		
1.	Teste de <i>Bonferroni</i> - F-Copes Factor Total * Género * Nível Socioeconómico.....	37
2.	Teste de <i>Bonferroni</i> - F-Copes Factor Total * Género * Estado Civil	37
Anexo XXIV - Teste <i>U Mann Whitney</i> – FILE		
		39
Anexo XXV - <i>Kruskal-Wallis</i> – FILE * Variáveis Mediadoras		
		40
1.	<i>Kruskal-Wallis</i> – FILE * Nível Socioeconómico	40
2.	<i>Kruskal-Wallis</i> – FILE * Idade.....	41
3.	<i>Kruskal-Wallis</i> – FILE * Etapa do Ciclo Vital da Família	41
4.	<i>Kruskal-Wallis</i> – FILE * Estado Civil.....	42
5.	<i>Kruskal-Wallis</i> – FILE * Local de Residência	42
Anexo XXVI - Coeficiente de correlação de <i>Bravais-Pearson</i>		
		43
Anexo XXVII - Coeficiente de Correlação <i>Ró de Spearman</i>		
		43

Anexo I – Teste da Equivalência das amostras

Qui- Quadrado

Factor	X²	p
Estado Civil	13,878	,016
Local de Residência	2,875	,237
Etapa Ciclo Vital	7,219	,406
Formas de Família	7,792	,168
Nível Socioeconómico	2,231	,328

T-student

Factor	t	p
Idade	-,621	,535
Habilitações Literárias	1,739	,083
Número de Filhos	-1,071	,285

Anexo III – Teste de Normalidade

Kolmogorov-Smirnov

Factor	Masculino			Feminino		
	Statistic	df	Sig,	Statistic	df	Sig,
FCOPES_Total	,056	177	,200*	,151	381	,000
FCOPES_Reenquadramento	,113	184	,000	,174	392	,000
FCOPES_ProcuraApoioEspiritual	,088	186	,001	,086	398	,000
FCOPES_APSRelaçãoVizinhança	,135	186	,000	,114	399	,000
FCOPES_APSRelaçõesÍntimas	,076	184	,011	,154	397	,000
FCOPES_MobilizaçãoApoioFormal	,096	185	,000	,105	398	,000
FCOPES_AceitaçãoPassiva	,108	186	,000	,124	399	,000
FCOPES_AvaliaçãoPassiva	,112	185	,000	,119	396	,000
FILE_Total	,134	151	,000	,139	277	,000

Anexo IV – Teste de Homogeneidade

Levene's Test

Factor	Statistic	Sig,
FCOPES_Total	2,190	,139
FCOPES_Reenquadramento	6,176	,013
FCOPES_ProcuraApoioEspiritual	1,367	,243
FCOPES_APSRelaçãoVizinhança	,235	,628
FCOPES_APSRelaçõesÍntimas	2,464	,117
FCOPES_MobilizaçãoApoioFormal	2,782	0,96
FCOPES_AceitaçãoPassiva	1,916	,167
FCOPES_AvaliaçãoPassiva	1,588	,208
FILE_Total	9,597	,002

Anexo V – Características Psicométricas dos Instrumentos

1. F-COPES

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,930	30

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item- Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
FC1	86,97	384,636	,609	,927
FC2	87,10	383,669	,647	,927
FC3	86,74	389,445	,589	,928
FC4	87,50	385,571	,613	,927
FC5	87,37	381,737	,642	,927
FC6	88,35	389,090	,484	,929
FC7	87,18	389,483	,552	,928
FC8	88,53	387,339	,493	,929
FC9	87,63	384,215	,539	,928
FC10	88,52	387,883	,513	,929
FC11	86,85	388,409	,573	,928
FC12	87,78	391,615	,359	,931
FC13	87,30	389,526	,514	,928
FC14	88,00	383,665	,519	,929
FC15	87,46	388,677	,546	,928
FC16	87,33	384,589	,626	,927
FC17	87,93	387,361	,554	,928
FC18	88,31	389,047	,458	,929
FC19	87,49	388,513	,550	,928
FC20	87,12	385,844	,575	,928
FC21	88,02	385,685	,549	,928
FC22	87,01	390,272	,561	,928
FC23	88,18	383,627	,537	,928
FC24	87,30	388,030	,617	,927
FC25	87,76	384,939	,608	,927
FC26	87,86	392,204	,489	,929

FC27	88,92	389,683	,526	,928
FC28	88,74	398,029	,335	,931
FC29	88,87	392,768	,468	,929
FC30	87,01	382,227	,547	,928

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	557	94,9
	Excluded(a)	30	5,1
	Total	587	100,0

Scale Statistics

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
90,73	413,791	20,342	30

2. FILE

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,856	71

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
F tens. família 1	6,66	35,467	,290	,854
F tens. família2	6,72	36,034	,207	,855
F tens. família3	6,41	33,811	,494	,849
F tens. família4	6,80	36,445	,231	,855
F tens. família5	6,71	35,282	,406	,852
F tens. família6	6,72	35,418	,386	,852
F tens. família7	6,75	35,837	,312	,854
F tens. família8	6,73	35,448	,391	,852
F tens. família9	6,70	35,695	,276	,854
F tens. família10	6,80	36,558	,169	,856

F tens. família11	6,80	36,582	,147	,856
F tens. família12	6,80	36,724	,069	,856
F tens. família13	6,61	35,752	,196	,856
F tens. família14	6,72	35,397	,383	,852
F tens. família15	6,65	34,429	,522	,849
F tens. família16	6,64	34,559	,477	,850
F tens. família17	6,74	35,523	,389	,853
F tens. conj.18	6,79	36,290	,246	,855
F tens. conj19	6,81	36,723	,090	,856
F tens. conj.20	6,77	36,110	,275	,854
F tens. conj21	6,74	35,561	,372	,853
F tens. grav.22	6,81	36,697	,125	,856
F tens. grav.23	6,78	36,503	,143	,856
F tens. grav.24	6,80	36,612	,148	,856
F tens. grav.25	6,70	35,977	,201	,856
F tens. fin.26	6,72	35,857	,252	,855
F tens. fin.27	6,79	36,399	,192	,855
F tens. fin.28	6,63	34,729	,432	,851
F tens. fin.29	6,58	34,905	,353	,853
F tens. fin.30	6,74	35,786	,304	,854
F tens. fin.31	6,61	36,122	,120	,858
F tens. fin.32	6,50	35,417	,225	,856
F tens. fin.33	6,80	36,383	,280	,855
F tens. fin.34	6,69	35,085	,419	,852
F tens. fin.35	6,65	34,747	,448	,851
F tens. fin.36	6,70	34,886	,478	,851
F tens. fin.37	6,74	35,771	,313	,854
F tens. trab.38	6,66	34,787	,447	,851
F tens. trab.39	6,72	35,423	,384	,852
F tens. trab.40	6,78	36,378	,189	,855
F tens. trab.41	6,69	35,769	,247	,855
F tens. trab.42	6,69	35,592	,289	,854
F tens. trab.43	6,58	34,787	,379	,852
F tens. trab.44	6,74	35,825	,289	,854
F tens. trab.45	6,65	35,433	,288	,854
F tens. trab.46	6,72	36,188	,164	,856
F tens. trab.47	6,76	36,245	,192	,855
F tens. saúde48	6,72	36,276	,142	,856

F tens. saúde49	6,80	36,612	,148	,856
F tens. saúde50	6,64	35,241	,329	,853
F tens. saúde51	6,74	35,974	,248	,855
F tens. saúde52	6,76	35,805	,339	,853
F tens. saúde53	6,77	36,394	,159	,856
F tens. saúde54	6,77	35,897	,340	,854
F tens. saúde55	6,70	35,550	,313	,854
F perdas56	6,80	36,620	,128	,856
F perdas57	6,82	36,900	-,023	,857
F perdas58	6,69	36,161	,151	,856
F perdas59	6,75	36,583	,073	,857
F perdas60	6,82	36,843	,039	,856
F perdas61	6,75	35,778	,342	,853
F entr. e saíd.62	6,77	36,702	,050	,857
F entr. e saíd.63	6,75	36,725	,031	,858
F entr. e saíd.64	6,72	36,153	,178	,856
F entr. e saíd.65	6,77	36,252	,216	,855
F entr. e saíd.66	6,77	36,489	,122	,856
F prob. legais67	6,82	36,890	,000	,856
F prob. legais68	6,82	36,710	,211	,856
F prob. legais69	6,82	36,890	,000	,856
F prob. legais70	6,82	36,890	,000	,856
F prob. legais71	6,82	36,850	,042	,856

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	428	72,9
	Excluded ^a	159	27,1
	Total	587	100,0

Scale Statistics

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
6,82	36,890	6,074	71

Anexo VI – Coeficiente de correlação de *Bravais-Pearson*

	Correlação de Pearson		
	FILE_Total		
	r	p	N
FCOPES_Total	-,001	,980	415
FCOPES_Reenquadramento	,018	,709	422
FCOPES_ProcuraApoioEspiritual	,077	,111	426
FCOPES_APSRelaçãoVizinhança	-,023	,636	427
FCOPES_APSRelaçõesÍntimas	-,031	,518	426
FCOPES_MobilizaçãoApoioFormal	,047	,337	428
FCOPES_AceitaçãoPassiva	,023	,635	426
FCOPES_AvaliaçãoPassiva	,084	,082	427

Anexo VII – Teste *T-student* para amostras independentes – F-COPES

t-test para amostras independentes

	t	gl	p	Intervalo de Confiança (95%)			
				Diferença		Superior	Inferior
				Médias	Diferença DP		
FCOPES_Reenquadramento	1,347	494,952	,179	,60481	,44908	-,27753	1,48716
FCOPES_ProcuraApoioEspiritual	-1,326	582	,185	-,51975	,39189	-1,28944	,24995
FCOPES_APSRelaçãoVizinhança	-,116	583	,908	-,03193	,27508	-,57220	,50833
FCOPES_APSRelaçõesÍntimas	-,675	579	,500	-,31567	,46796	-1,23477	,60343
FCOPES_MobilizaçãoApoioFormal	1,116	581	,265	,30330	,27170	-,23033	,83694
FCOPES_AceitaçãoPassiva	,980	583	,328	,24489	,24993	-,24599	,73576
FCOPES_AvaliaçãoPassiva	-,199	580	,842	-,04415	,22169	-,47957	,39126
FCOPES_Total	,049	556	,961	,08879	1,79579	-3,43857	3,61616

Anexo VIII – ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Reenquadramento * Género * Variáveis Mediadoras

1. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Reenquadramento * Género * Idade

	GL	F	p
Género	1	,532	,466
Idade1	7	2,819	,007
Género * Idade1	7	,463	,861

2. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Reenquadramento * Género * Nível Socioeconómico

	GL	F	p
Género	1	1,070	,301
nivelsociodemografico	2	,193	,825
Género * nivelsociodemografico	2	,556	,574

3. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Reenquadramento * Género * Estado Civil

	GL	F	p
Género	1	,415	,520
estadocivil	5	,501	,776
Género * estadocivil	4	,540	,706

4. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Reenquadramento * Género * Etapa do Ciclo Vital da Família

	GL	F	p
Género	1	1,087	,298
ciclovital	7	,881	,521
Género * ciclovital	7	,633	,729

5. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Reenquadramento * Género * Local de Residência

	GL	F	p
Género	1	,151	,698
residencia	2	1,806	,195
Género * residencia	2	,858	,425

Anexo IX – Teste de Bonferroni - F-Copes Factor Reenquadramento * Género * Idade

Multiple Comparisons

FCOPES_Reenquadramento

Bonferroni

(I) Idade1	(J) Idade1	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
1,00	2,00	-,9807	,99767	1,000	-4,1122	2,1507
	3,00	,2870	,98413	1,000	-2,8020	3,3759
	4,00	,1168	,98508	1,000	-2,9752	3,2088
	5,00	1,2067	1,05108	1,000	-2,0924	4,5058
	6,00	-,8541	1,25079	1,000	-4,7800	3,0719
	7,00	-1,2020	1,58026	1,000	-6,1621	3,7581
	8,00	6,0245*	1,78293	,022	,4282	11,6207
2,00	1,00	,9807	,99767	1,000	-2,1507	4,1122
	3,00	1,2677	,71683	1,000	-,9823	3,5177
	4,00	1,0975	,71814	1,000	-1,1566	3,3516
	5,00	2,1874	,80629	,192	-,3433	4,7182
	6,00	,1267	1,05348	1,000	-3,1800	3,4333
	7,00	-,2213	1,42918	1,000	-4,7072	4,2646
	8,00	7,0052*	1,65051	,001	1,8246	12,1858
3,00	1,00	-,2870	,98413	1,000	-3,3759	2,8020
	2,00	-1,2677	,71683	1,000	-3,5177	,9823
	4,00	-,1702	,69921	1,000	-2,3649	2,0245
	5,00	,9198	,78948	1,000	-1,5583	3,3978
	6,00	-1,1410	1,04066	1,000	-4,4075	2,1254
	7,00	-1,4890	1,41976	1,000	-5,9453	2,9674
	8,00	5,7375*	1,64236	,014	,5825	10,8926
4,00	1,00	-,1168	,98508	1,000	-3,2088	2,9752
	2,00	-1,0975	,71814	1,000	-3,3516	1,1566
	3,00	,1702	,69921	1,000	-2,0245	2,3649
	5,00	1,0899	,79066	1,000	-1,3918	3,5717
	6,00	-,9709	1,04156	1,000	-4,2401	2,2984
	7,00	-1,3188	1,42042	1,000	-5,7772	3,1396
	8,00	5,9077*	1,64293	,010	,7509	11,0645

5,00	1,00	-1,2067	1,05108	1,000	-4,5058	2,0924
	2,00	-2,1874	,80629	,192	-4,7182	,3433
	3,00	-,9198	,78948	1,000	-3,3978	1,5583
	4,00	-1,0899	,79066	1,000	-3,5717	1,3918
	6,00	-2,0608	1,10419	1,000	-5,5266	1,4051
	7,00	-2,4087	1,46696	1,000	-7,0132	2,1958
	8,00	4,8178	1,68333	,122	-,4659	10,1014
	6,00	1,00	,8541	1,25079	1,000	-3,0719
2,00		-,1267	1,05348	1,000	-3,4333	3,1800
3,00		1,1410	1,04066	1,000	-2,1254	4,4075
4,00		,9709	1,04156	1,000	-2,2984	4,2401
5,00		2,0608	1,10419	1,000	-1,4051	5,5266
7,00		-,3480	1,61607	1,000	-5,4205	4,7246
8,00		6,8785*	1,81475	,005	1,1824	12,5747
7,00		1,00	1,2020	1,58026	1,000	-3,7581
	2,00	,2213	1,42918	1,000	-4,2646	4,7072
	3,00	1,4890	1,41976	1,000	-2,9674	5,9453
	4,00	1,3188	1,42042	1,000	-3,1396	5,7772
	5,00	2,4087	1,46696	1,000	-2,1958	7,0132
	6,00	,3480	1,61607	1,000	-4,7246	5,4205
	8,00	7,2265*	2,05574	,013	,7739	13,6791
	8,00	1,00	-6,0245*	1,78293	,022	-11,6207
2,00		-7,0052*	1,65051	,001	-12,1858	-1,8246
3,00		-5,7375*	1,64236	,014	-10,8926	-,5825
4,00		-5,9077*	1,64293	,010	-11,0645	-,7509
5,00		-4,8178	1,68333	,122	-10,1014	,4659
6,00		-6,8785*	1,81475	,005	-12,5747	-1,1824
7,00		-7,2265*	2,05574	,013	-13,6791	-,7739

**Anexo X – ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Procura de Apoio Espiritual *
Género * Variáveis Mediadoras**

**1. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Procura de Apoio Espiritual * Género *
Idade**

	GL	F	p
Género	1	2,612	,107
Idade1	7	7,640	,000
Género * Idade1	7	1,406	,200

**2. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Procura de Apoio Espiritual * Género *
Nível Socioeconómico**

	GL	F	p
Género	1	5,271	,022
nivelsociodemografico	2	8,472	,000
Género * nivelsociodemografico	2	,638	,529

**3. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Procura de Apoio Espiritual * Género *
Estado Civil**

	GL	F	p
Género	1	2,943	,87
estadocivil	5	13,189	,000
Género * estadocivil	4	,321	,864

**4. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Procura de Apoio Espiritual * Género *
Etapa do Ciclo Vital da Família**

	GL	F	p
Género	1	,326	,568
ciclovital	7	9,062	,000
Género * ciclovital	7	,630	,731

**5. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Procura de Apoio Espiritual * Género *
Local de Residência**

	GL	F	p
Género	1	5,527	,019
residencia	2	3,949	,020
Género * residencia	2	1,035	,356

**Anexo XI – Teste de *Bonferroni* - F-Copes Factor Procura de Apoio Espiritual *
Género * Variáveis Mediadoras**

**1. Teste de *Bonferroni* - F-Copes Factor Procura de Apoio Espiritual *
Género * Idade**

Multiple Comparisons

FCOPES_ProcuraApoioEspiritual

Bonferroni

(I) Idade1	(J) Idade1	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
1,00	2,00	1,0451	,75025	1,000	-1,3096	3,3998
	3,00	,4132	,73650	1,000	-1,8983	2,7248
	4,00	-,5047	,73650	1,000	-2,8163	1,8069
	5,00	,4391	,78638	1,000	-2,0290	2,9073
	6,00	-2,7756	,92310	,077	-5,6728	,1216
	7,00	-4,5361*	1,15760	,003	-8,1693	-,9029
	8,00	-4,4025*	1,33003	,028	-8,5769	-,2281
2,00	1,00	-1,0451	,75025	1,000	-3,3998	1,3096
	3,00	-,6319	,53292	1,000	-2,3045	1,0407
	4,00	-1,5498	,53292	,106	-3,2224	,1228
	5,00	-,6060	,59997	1,000	-2,4891	1,2771
	6,00	-3,8207*	,77051	,000	-6,2390	-1,4024
	7,00	-5,5812*	1,04000	,000	-8,8454	-2,3171
	8,00	-5,4476*	1,22904	,000	-9,3051	-1,5901
3,00	1,00	-,4132	,73650	1,000	-2,7248	1,8983
	2,00	,6319	,53292	1,000	-1,0407	2,3045
	4,00	-,9179	,51338	1,000	-2,5292	,6934
	5,00	,0259	,58268	1,000	-1,8029	1,8547
	6,00	-3,1888*	,75712	,001	-5,5651	-,8125
	7,00	-4,9493*	1,03012	,000	-8,1825	-1,7162
	8,00	-4,8157*	1,22070	,003	-8,6470	-,9845
4,00	1,00	,5047	,73650	1,000	-1,8069	2,8163
	2,00	1,5498	,53292	,106	-,1228	3,2224
	3,00	,9179	,51338	1,000	-,6934	2,5292
	5,00	,9438	,58268	1,000	-,8850	2,7726

	6,00		-2,2709	,75712	,079	-4,6472	,1054
	7,00		-4,0314*	1,03012	,003	-7,2646	-,7983
	8,00		-3,8978*	1,22070	,042	-7,7291	-,0666
5,00	1,00		-,4391	,78638	1,000	-2,9073	2,0290
	2,00		,6060	,59997	1,000	-1,2771	2,4891
	3,00		-,0259	,58268	1,000	-1,8547	1,8029
	4,00		-,9438	,58268	1,000	-2,7726	,8850
	6,00		-3,2147*	,80573	,002	-5,7436	-,6859
	7,00		-4,9752*	1,06636	,000	-8,3221	-1,6284
	8,00		-4,8416*	1,25143	,003	-8,7693	-,9139
6,00	1,00		2,7756	,92310	,077	-,1216	5,6728
	2,00		3,8207*	,77051	,000	1,4024	6,2390
	3,00		3,1888*	,75712	,001	,8125	5,5651
	4,00		2,2709	,75712	,079	-,1054	4,6472
	5,00		3,2147*	,80573	,002	,6859	5,7436
	7,00		-1,7605	1,17083	1,000	-5,4353	1,9142
	8,00		-1,6269	1,34156	1,000	-5,8375	2,5837
7,00	1,00		4,5361*	1,15760	,003	,9029	8,1693
	2,00		5,5812*	1,04000	,000	2,3171	8,8454
	3,00		4,9493*	1,03012	,000	1,7162	8,1825
	4,00		4,0314*	1,03012	,003	,7983	7,2646
	5,00		4,9752*	1,06636	,000	1,6284	8,3221
	6,00		1,7605	1,17083	1,000	-1,9142	5,4353
	8,00		,1336	1,51252	1,000	-4,6136	4,8808
8,00	1,00		4,4025*	1,33003	,028	,2281	8,5769
	2,00		5,4476*	1,22904	,000	1,5901	9,3051
	3,00		4,8157*	1,22070	,003	,9845	8,6470
	4,00		3,8978*	1,22070	,042	,0666	7,7291
	5,00		4,8416*	1,25143	,003	,9139	8,7693
	6,00		1,6269	1,34156	1,000	-2,5837	5,8375
	7,00		-,1336	1,51252	1,000	-4,8808	4,6136

2. Teste de *Bonferroni* - F-Copes Factor Procura de Apoio Espiritual * Gênero * Nível Socioeconômico

Multiple Comparisons

FCOPES_ProcuraApoioEspiritual

Bonferroni

(I) nível sócio-econômico	(J) nível sócio-econômico	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
baixo	médio	1,6444 [*]	,37235	,000	,7504	2,5385
	elevado	2,0889 [*]	,62448	,003	,5894	3,5884
médio	baixo	-1,6444 [*]	,37235	,000	-2,5385	-,7504
	elevado	,4444	,59045	1,000	-,9733	1,8622
elevado	baixo	-2,0889 [*]	,62448	,003	-3,5884	-,5894
	médio	-,4444	,59045	1,000	-1,8622	,9733

3. Teste de *Bonferroni* - F-Copes Factor Procura de Apoio Espiritual * Gênero * Local de Residência

Multiple Comparisons

FCOPES_ProcuraApoioEspiritual

Bonferroni

(I) local residência	(J) local residência	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
predominante/urbano	mediana/ urbano	-,0874	,41007	1,000	-1,0720	,8973
	predominante/ rural	-1,0501 [*]	,42209	,039	-2,0636	-,0366
mediana/ urbano	predominante/urbano	,0874	,41007	1,000	-,8973	1,0720
	predominante/ rural	-,9627	,42159	,068	-1,9750	,0496
predominante/ rural	predominante/urbano	1,0501 [*]	,42209	,039	,0366	2,0636
	mediana/ urbano	,9627	,42159	,068	-,0496	1,9750

4. Teste de *Bonferroni* - F-Copes Factor Procura de Apoio Espiritual * Género * Estado Civil

Multiple Comparisons

FCOPES_ProcuraApoioEspiritual

Bonferroni

(I) estado civil	(J) estado civil	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
solteiro	casado	-1,5858*	,46140	,009	-2,9460	-,2256
	união de facto	2,4882*	,66861	,003	,5172	4,4592
	divorciado	-,8391	,85502	1,000	-3,3596	1,6815
	separado	-,8391	1,78491	1,000	-6,1009	4,4227
	viúvo	-4,7677*	1,11764	,000	-8,0624	-1,4729
casado	solteiro	1,5858*	,46140	,009	,2256	2,9460
	união de facto	4,0740*	,56003	,000	2,4230	5,7249
	divorciado	,7467	,77309	1,000	-1,5323	3,0257
	separado	,7467	1,74714	1,000	-4,4038	5,8972
	viúvo	-3,1819*	1,05628	,041	-6,2957	-,0680
união de facto	solteiro	-2,4882*	,66861	,003	-4,4592	-,5172
	casado	-4,0740*	,56003	,000	-5,7249	-2,4230
	divorciado	-3,3273*	,91203	,004	-6,0159	-,6387
	separado	-3,3273	1,81291	1,000	-8,6716	2,0171
	viúvo	-7,2558*	1,16184	,000	-10,6809	-3,8308
divorciado	solteiro	,8391	,85502	1,000	-1,6815	3,3596
	casado	-,7467	,77309	1,000	-3,0257	1,5323
	união de facto	3,3273*	,91203	,004	,6387	6,0159
	separado	,0000	1,88962	1,000	-5,5705	5,5705
	viúvo	-3,9286*	1,27824	,033	-7,6967	-,1604
separado	solteiro	,8391	1,78491	1,000	-4,4227	6,1009
	casado	-,7467	1,74714	1,000	-5,8972	4,4038
	união de facto	3,3273	1,81291	1,000	-2,0171	8,6716
	divorciado	,0000	1,88962	1,000	-5,5705	5,5705
	viúvo	-3,9286	2,02206	,788	-9,8895	2,0323
viúvo	solteiro	4,7677*	1,11764	,000	1,4729	8,0624
	casado	3,1819*	1,05628	,041	,0680	6,2957
	união de facto	7,2558*	1,16184	,000	3,8308	10,6809

divorciado	3,9286*	1,27824	,033	,1604	7,6967
separado	3,9286	2,02206	,788	-2,0323	9,8895

5. Teste de *Bonferroni* - F-Copes Factor Procura de Apoio Espiritual * Género * Etapa do Ciclo Vital da Família

Multiple Comparisons

FCOPES_ProcuraApoioEspiritual

Bonferroni

(I) etapa ciclo vital	(J) etapa ciclo vital	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
casal sem filhos	filhos pequenos ou pré-escolar	-1,3571	,69796	1,000	-3,5477	,8336
	filhos idade escolar	-2,4471*	,67708	,009	-4,5722	-,3220
	filhos adolescentes	-2,1063*	,63703	,028	-4,1057	-,1068
	família lançadora	-1,8366*	,54723	,024	-3,5541	-,1190
	família na reforma	-3,7896	1,34148	,137	-8,0001	,4208
	ninho vazio	-5,2442*	,66188	,000	-7,3216	-3,1668
	não se aplica	-3,1192	1,54851	1,000	-7,9794	1,7410
filhos pequenos ou pré-escolar	casal sem filhos	1,3571	,69796	1,000	-,8336	3,5477
	filhos idade escolar	-1,0900	,73310	1,000	-3,3909	1,2109
	filhos adolescentes	-,7492	,69628	1,000	-2,9345	1,4362
	família lançadora	-,4795	,61519	1,000	-2,4103	1,4514
	família na reforma	-2,4326	1,37061	1,000	-6,7344	1,8693
	ninho vazio	-3,8871*	,71908	,000	-6,1440	-1,6302
	não se aplica	-1,7621	1,57381	1,000	-6,7017	3,1775
filhos idade escolar	casal sem filhos	2,4471*	,67708	,009	,3220	4,5722
	filhos pequenos ou pré-escolar	1,0900	,73310	1,000	-1,2109	3,3909
	filhos adolescentes	,3408	,67534	1,000	-1,7788	2,4605
	família lançadora	,6105	,59139	1,000	-1,2456	2,4667
	família na reforma	-1,3426	1,36010	1,000	-5,6114	2,9263
	ninho vazio	-2,7971*	,69883	,002	-4,9905	-,6037
	não se aplica	-,6721	1,56466	1,000	-5,5830	4,2388
filhos adolescentes	casal sem filhos	2,1063*	,63703	,028	,1068	4,1057
	filhos pequenos ou pré-escolar	,7492	,69628	1,000	-1,4362	2,9345

	filhos idade escolar	-3,3408	,67534	1,000	-2,4605	1,7788
	família lançadora	,2697	,54508	1,000	-1,4411	1,9805
	família na reforma	-1,6834	1,34061	1,000	-5,8911	2,5243
	ninho vazio	-3,1379*	,66010	,000	-5,2098	-1,0661
	não se aplica	-1,0129	1,54776	1,000	-5,8708	3,8449
família lançadora	casal sem filhos	1,8366*	,54723	,024	,1190	3,5541
	filhos pequenos ou pré-escolar	,4795	,61519	1,000	-1,4514	2,4103
	filhos idade escolar	-6,105	,59139	1,000	-2,4667	1,2456
	filhos adolescentes	-2,697	,54508	1,000	-1,9805	1,4411
	família na reforma	-1,9531	1,30034	1,000	-6,0344	2,1282
	ninho vazio	-3,4076*	,57393	,000	-5,2090	-1,6063
	não se aplica	-1,2826	1,51301	1,000	-6,0314	3,4662
família na reforma	casal sem filhos	3,7896	1,34148	,137	-,4208	8,0001
	filhos pequenos ou pré-escolar	2,4326	1,37061	1,000	-1,8693	6,7344
	filhos idade escolar	1,3426	1,36010	1,000	-2,9263	5,6114
	filhos adolescentes	1,6834	1,34061	1,000	-2,5243	5,8911
	família lançadora	1,9531	1,30034	1,000	-2,1282	6,0344
	ninho vazio	-1,4545	1,35259	1,000	-5,6999	2,7908
	não se aplica	,6705	1,94662	1,000	-5,4393	6,7802
ninho vazio	casal sem filhos	5,2442*	,66188	,000	3,1668	7,3216
	filhos pequenos ou pré-escolar	3,8871*	,71908	,000	1,6302	6,1440
	filhos idade escolar	2,7971*	,69883	,002	,6037	4,9905
	filhos adolescentes	3,1379*	,66010	,000	1,0661	5,2098
	família lançadora	3,4076*	,57393	,000	1,6063	5,2090
	família na reforma	1,4545	1,35259	1,000	-2,7908	5,6999
	não se aplica	2,1250	1,55815	1,000	-2,7655	7,0155
não se aplica	casal sem filhos	3,1192	1,54851	1,000	-1,7410	7,9794
	filhos pequenos ou pré-escolar	1,7621	1,57381	1,000	-3,1775	6,7017
	filhos idade escolar	,6721	1,56466	1,000	-4,2388	5,5830
	filhos adolescentes	1,0129	1,54776	1,000	-3,8449	5,8708
	família lançadora	1,2826	1,51301	1,000	-3,4662	6,0314
	família na reforma	-,6705	1,94662	1,000	-6,7802	5,4393
	ninho vazio	-2,1250	1,55815	1,000	-7,0155	2,7655

Anexo XII – ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social – Relações de Vizinhaça * Género * Variáveis Mediadoras

1. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social – Relações de Vizinhaça * Género * Idade

	GL	F	p
Género	1	,029	,865
Idade1	7	4,422	,000
Género * Idade1	7	1,083	,372

2. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social – Relações de Vizinhaça * Género * Nível Socioeconómico

	GL	F	p
Género	1	,011	,916
nivelsociodemografico	2	9,977	,000
Género * nivelsociodemografico	2	,708	,493

3. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social – Relações de Vizinhaça * Género * Estado Civil

	GL	F	p
Género	1	,135	,713
estadocivil	5	4,667	,000
Género * estadocivil	4	,893	,468

4. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social – Relações de Vizinhaça * Género * Etapa do Ciclo Vital da Família

	GL	F	p
Género	1	,006	,938
ciclovital	7	4,286	,000
Género * ciclovital	7	,092	,999

5. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social – Relações de Vizinhaça * Género * Local de Residência

	GL	F	p
Género	1	,811	,38
residencia	2	,423	,655
Género * residencia	2	,157	,854

**Anexo XIII - Teste de *Bonferroni* - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social –
Relações de Vizinhaça * Género * Variáveis Mediadoras**

**1. Teste de *Bonferroni* - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social * Género
* Idade**

Multiple Comparisons

FCOPES_APSRelaçãoVizinhaça

Bonferroni

(I) Idade1	(J) Idade1	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
1,00	2,00	1,1495	,53347	,885	-,5249	2,8238
	3,00	1,0072	,52524	1,000	-,6413	2,6557
	4,00	,8042	,52524	1,000	-,8443	2,4527
	5,00	,5310	,56089	1,000	-1,2294	2,2914
	6,00	,3295	,65979	1,000	-1,7412	2,4003
	7,00	,1651	,82906	1,000	-2,4370	2,7671
	8,00	-3,8147 [*]	,95337	,002	-6,8069	-,8225
2,00	1,00	-1,1495	,53347	,885	-2,8238	,5249
	3,00	-,1423	,38194	1,000	-1,3410	1,0564
	4,00	-,3453	,38194	1,000	-1,5440	,8534
	5,00	-,6184	,42965	1,000	-1,9669	,7301
	6,00	-,8199	,55256	1,000	-2,5542	,9143
	7,00	-,9844	,74656	1,000	-3,3275	1,3587
	8,00	-4,9641 [*]	,88256	,000	-7,7341	-2,1942
3,00	1,00	-1,0072	,52524	1,000	-2,6557	,6413
	2,00	,1423	,38194	1,000	-1,0564	1,3410
	4,00	-,2030	,37035	1,000	-1,3654	,9594
	5,00	-,4762	,41939	1,000	-1,7924	,8401
	6,00	-,6776	,54461	1,000	-2,3869	1,0317
	7,00	-,8421	,74070	1,000	-3,1668	1,4826
	8,00	-4,8219 [*]	,87761	,000	-7,5763	-2,0674
4,00	1,00	-,8042	,52524	1,000	-2,4527	,8443
	2,00	,3453	,38194	1,000	-,8534	1,5440
	3,00	,2030	,37035	1,000	-,9594	1,3654
	5,00	-,2732	,41939	1,000	-1,5894	1,0431
	6,00	-,4746	,54461	1,000	-2,1839	1,2347

	7,00		-,6391	,74070	1,000	-2,9638	1,6856
	8,00		-4,6189 ⁺	,87761	,000	-7,3733	-1,8644
5,00	1,00		-,5310	,56089	1,000	-2,2914	1,2294
	2,00		,6184	,42965	1,000	-,7301	1,9669
	3,00		,4762	,41939	1,000	-,8401	1,7924
	4,00		,2732	,41939	1,000	-1,0431	1,5894
	6,00		-,2015	,57908	1,000	-2,0189	1,6160
	7,00		-,3659	,76639	1,000	-2,7713	2,0394
	8,00		-4,3457 ⁺	,89940	,000	-7,1685	-1,5229
6,00	1,00		-,3295	,65979	1,000	-2,4003	1,7412
	2,00		,8199	,55256	1,000	-,9143	2,5542
	3,00		,6776	,54461	1,000	-1,0317	2,3869
	4,00		,4746	,54461	1,000	-1,2347	2,1839
	5,00		,2015	,57908	1,000	-1,6160	2,0189
	7,00		-,1645	,84147	1,000	-2,8055	2,4765
	8,00		-4,1442 ⁺	,96418	,001	-7,1704	-1,1181
7,00	1,00		-,1651	,82906	1,000	-2,7671	2,4370
	2,00		,9844	,74656	1,000	-1,3587	3,3275
	3,00		,8421	,74070	1,000	-1,4826	3,1668
	4,00		,6391	,74070	1,000	-1,6856	2,9638
	5,00		,3659	,76639	1,000	-2,0394	2,7713
	6,00		,1645	,84147	1,000	-2,4765	2,8055
	8,00		-3,9798 ⁺	1,08704	,008	-7,3915	-,5680
8,00	1,00		3,8147 ⁺	,95337	,002	,8225	6,8069
	2,00		4,9641 ⁺	,88256	,000	2,1942	7,7341
	3,00		4,8219 ⁺	,87761	,000	2,0674	7,5763
	4,00		4,6189 ⁺	,87761	,000	1,8644	7,3733
	5,00		4,3457 ⁺	,89940	,000	1,5229	7,1685
	6,00		4,1442 ⁺	,96418	,001	1,1181	7,1704
	7,00		3,9798 ⁺	1,08704	,008	,5680	7,3915

2. Teste de *Bonferroni* - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social * Género * Nível Socioeconómico

Multiple Comparisons

FCOPES_APSRelaçãoVizinhança

Bonferroni

(I) nível sócio-económico	(J) nível sócio-económico	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
baixo	médio	1,3320*	,26808	,000	,6883	1,9757
	elevado	1,6111*	,44985	,001	,5310	2,6913
médio	baixo	-1,3320*	,26808	,000	-1,9757	-,6883
	elevado	,2791	,42524	1,000	-,7420	1,3002
elevado	baixo	-1,6111*	,44985	,001	-2,6913	-,5310
	médio	-,2791	,42524	1,000	-1,3002	,7420

3. Teste de *Bonferroni* - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social * Género * Estado Civil

Multiple Comparisons

FCOPES_APSRelaçãoVizinhança

Bonferroni

(I) estado civil	(J) estado civil	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
solteiro	casado	,1485	,34427	1,000	-,8664	1,1634
	união de facto	1,7662*	,49721	,006	,3005	3,2320
	divorciado	-,0076	,63992	1,000	-1,8940	1,8788
	separado	-1,5409	1,33725	1,000	-5,4830	2,4012
	viúvo	-2,0552	,83694	,216	-4,5224	,4120
casado	solteiro	-,1485	,34427	1,000	-1,1634	,8664
	união de facto	1,6177*	,41649	,002	,3900	2,8455
	divorciado	-,1561	,57942	1,000	-1,8642	1,5520
	separado	-1,6894	1,30938	1,000	-5,5494	2,1705
	viúvo	-2,2037	,79165	,083	-4,5374	,1300
união de facto	solteiro	-1,7662*	,49721	,006	-3,2320	-,3005
	casado	-1,6177*	,41649	,002	-2,8455	-,3900
	divorciado	-1,7738	,68149	,142	-3,7828	,2352
	separado	-3,3071	1,35764	,227	-7,3093	,6951

	viúvo	-3,8214*	,86914	,000	-6,3836	-1,2593
divorciado	solteiro	,0076	,63992	1,000	-1,8788	1,8940
	casado	,1561	,57942	1,000	-1,5520	1,8642
	união de facto	1,7738	,68149	,142	-,2352	3,7828
	separado	-1,5333	1,41614	1,000	-5,7080	2,6413
	viúvo	-2,0476	,95795	,495	-4,8716	,7763
separado	solteiro	1,5409	1,33725	1,000	-2,4012	5,4830
	casado	1,6894	1,30938	1,000	-2,1705	5,5494
	união de facto	3,3071	1,35764	,227	-,6951	7,3093
	divorciado	1,5333	1,41614	1,000	-2,6413	5,7080
	viúvo	-,5143	1,51539	1,000	-4,9815	3,9530
viúvo	solteiro	2,0552	,83694	,216	-,4120	4,5224
	casado	2,2037	,79165	,083	-,1300	4,5374
	união de facto	3,8214*	,86914	,000	1,2593	6,3836
	divorciado	2,0476	,95795	,495	-,7763	4,8716
	separado	,5143	1,51539	1,000	-3,9530	4,9815

4. Teste de *Bonferroni* - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social * Género * Etapa do Ciclo Vital da Família

Multiple Comparisons

FCOPES_APSRelaçãoVizinhança

Bonferroni

(I) etapa ciclo vital	(J) etapa ciclo vital	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
casal sem filhos	filhos pequenos ou pré-escolar	-,0953	,50441	1,000	-1,6784	1,4879
	filhos idade escolar	-1,1654	,48924	,491	-2,7010	,3701
	filhos adolescentes	-,9080	,46015	1,000	-2,3523	,5362
	família lançadora	-,9589	,39488	,433	-2,1983	,2805
	família na reforma	-,8255	,97119	1,000	-3,8737	2,2227
	ninho vazio	-2,2037*	,47821	,000	-3,7046	-,7028
	não se aplica	-3,8937*	1,12126	,016	-7,4129	-,3745
filhos pequenos ou pré-escolar	casal sem filhos	,0953	,50441	1,000	-1,4879	1,6784
	filhos idade escolar	-1,0701	,53108	1,000	-2,7370	,5967
	filhos adolescentes	-,8128	,50441	1,000	-2,3959	,7704
	família lançadora	-,8636	,44567	1,000	-2,2624	,5352

	família na reforma	- ,7302	,99293	1,000	-3,8466	2,3862
	ninho vazio	-2,1084*	,52093	,002	-3,7434	-,4734
	não se aplica	-3,7984*	1,14013	,026	-7,3768	-,2199
filhos idade escolar	casal sem filhos	1,1654	,48924	,491	-,3701	2,7010
	filhos pequenos ou pré-escolar	1,0701	,53108	1,000	-,5967	2,7370
	filhos adolescentes	,2574	,48924	1,000	-1,2782	1,7929
	família lançadora	,2065	,42843	1,000	-1,1381	1,5512
	família na reforma	,3399	,98531	1,000	-2,7526	3,4324
	ninho vazio	-1,0383	,50626	1,000	-2,6272	,5507
	não se aplica	-2,7283	1,13351	,459	-6,2859	,8294
filhos adolescentes	casal sem filhos	,9080	,46015	1,000	-,5362	2,3523
	filhos pequenos ou pré-escolar	,8128	,50441	1,000	-,7704	2,3959
	filhos idade escolar	-,2574	,48924	1,000	-1,7929	1,2782
	família lançadora	-,0508	,39488	1,000	-1,2902	1,1885
	família na reforma	,0825	,97119	1,000	-2,9656	3,1307
	ninho vazio	-1,2956	,47821	,194	-2,7965	,2053
	não se aplica	-2,9856	1,12126	,223	-6,5048	,5336
família lançadora	casal sem filhos	,9589	,39488	,433	-,2805	2,1983
	filhos pequenos ou pré-escolar	,8636	,44567	1,000	-,5352	2,2624
	filhos idade escolar	-,2065	,42843	1,000	-1,5512	1,1381
	filhos adolescentes	,0508	,39488	1,000	-1,1885	1,2902
	família na reforma	,1334	,94202	1,000	-2,8232	3,0900
	ninho vazio	-1,2448	,41578	,080	-2,5497	,0602
	não se aplica	-2,9348	1,09609	,214	-6,3750	,5054
família na reforma	casal sem filhos	,8255	,97119	1,000	-2,2227	3,8737
	filhos pequenos ou pré-escolar	,7302	,99293	1,000	-2,3862	3,8466
	filhos idade escolar	-,3399	,98531	1,000	-3,4324	2,7526
	filhos adolescentes	-,0825	,97119	1,000	-3,1307	2,9656
	família lançadora	-,1334	,94202	1,000	-3,0900	2,8232
	ninho vazio	-1,3782	,97987	1,000	-4,4536	1,6973
	não se aplica	-3,0682	1,41021	,840	-7,4943	1,3579
ninho vazio	casal sem filhos	2,2037*	,47821	,000	,7028	3,7046

	filhos pequenos ou pré-escolar	2,1084*	,52093	,002	,4734	3,7434
	filhos idade escolar	1,0383	,50626	1,000	-,5507	2,6272
	filhos adolescentes	1,2956	,47821	,194	-,2053	2,7965
	família lançadora	1,2448	,41578	,080	-,0602	2,5497
	família na reforma	1,3782	,97987	1,000	-1,6973	4,4536
	não se aplica	-1,6900	1,12879	1,000	-5,2328	1,8528
não se aplica	casal sem filhos	3,8937*	1,12126	,016	,3745	7,4129
	filhos pequenos ou pré-escolar	3,7984*	1,14013	,026	,2199	7,3768
	filhos idade escolar	2,7283	1,13351	,459	-,8294	6,2859
	filhos adolescentes	2,9856	1,12126	,223	-,5336	6,5048
	família lançadora	2,9348	1,09609	,214	-,5054	6,3750
	família na reforma	3,0682	1,41021	,840	-1,3579	7,4943
	ninho vazio	1,6900	1,12879	1,000	-1,8528	5,2328

Anexo XIV - ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social – Relações Íntimas * Género * Variáveis Mediadoras

1. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social – Relações Íntimas * Género * Idade

	GL	F	p
Género	1	,614	,433
Idade1	7	1,169	,319
Género * Idade1	7	,269	,966

2. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social – Relações Íntimas * Género * Nível Socioeconómico

	GL	F	p
Género	1	4,872	,028
nivelsociodemografico	2	,663	,516
Género * nivelsociodemografico	2	1,418	,243

3. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social – Relações Íntimas * Género * Estado Civil

	GL	F	p
Género	1	,386	,534
estadocivil	5	1,599	,158
Género * estadocivil	4	1,597	,174

4. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social – Relações Íntimas * Género * Etapa do Ciclo Vital da Família

	GL	F	p
Género	1	,174	,676
ciclovital	7	,314	,948
Género * ciclovital	7	,583	,770

5. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Aquisição de Apoio Social – Relações Íntimas * Género * Local de Residência

	GL	F	p
Género	1	6,183	,013
residencia	2	,900	,407
Género * residencia	2	1,407	,246

**Anexo XV - ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Mobilização de Apoio Formal *
Género * Variáveis Mediadoras**

**1. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Mobilização de Apoio Formal * Género *
Idade**

	GL	F	p
Género	1	1,262	,262
Idade1	7	1,544	,150
Género * Idade1	7	,637	,725

**2. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Mobilização de Apoio Formal * Género *
Nível Soioeconómico**

	GL	F	p
Género	1	,948	,331
nivelsociodemografico	2	3,179	,042
Género * nivelsociodemografico	2	,974	,378

**3. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Mobilização de Apoio Formal * Género *
Estado Civil**

	GL	F	p
Género	1	,448	,504
estadocivil	5	1,665	,141
Género * estadocivil	4	,694	,596

**4. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Mobilização de Apoio Formal * Género *
Etapa do Ciclo Vital da Família**

	GL	F	p
Género	1	,769	,381
ciclovital	7	1,042	,401
Género * ciclovital	7	,457	,866

**5. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Mobilização de Apoio Formal * Género *
Local de Residência**

	GL	F	p
Género	1	,055	,814
residencia	2	,224	,799
Género * residencia	2	3,532	,030

**Anexo XVI - Teste de *Bonferroni* - F-Copes Factor Mobilização de Apoio Formal *
Gênero * Variáveis Mediadoras**

**1. Teste de *Bonferroni* - F-Copes Factor Mobilização de Apoio Formal *
Gênero * Nível Socioeconômico**

Multiple Comparisons

FCOPES_MobilizaçãoApoioFormal

Bonferroni

(I) nível sócio-econômico	(J) nível sócio-econômico	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
baixo	médio	,4565	,25648	,227	-,1593	1,0724
	elevado	,9787	,43349	,073	-,0622	2,0196
médio	baixo	-,4565	,25648	,227	-1,0724	,1593
	elevado	,5222	,41013	,610	-,4626	1,5070
elevado	baixo	-,9787	,43349	,073	-2,0196	,0622
	médio	-,5222	,41013	,610	-1,5070	,4626

**2. Teste de *Bonferroni* - F-Copes Factor Mobilização de Apoio Formal *
Gênero * Local de Residência**

Multiple Comparisons

FCOPES_MobilizaçãoApoioFormal

Bonferroni

(I) local residência	(J) local residência	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
predominante/urbano	mediana/ urbano	-,0051	,28080	1,000	-,6794	,6691
	predominante/ rural	,2243	,28742	1,000	-,4658	,9145
mediana/ urbano	predominante/urbano	,0051	,28080	1,000	-,6691	,6794
	predominante/ rural	,2295	,28742	1,000	-,4607	,9196
predominante/ rural	predominante/urbano	-,2243	,28742	1,000	-,9145	,4658
	mediana/ urbano	-,2295	,28742	1,000	-,9196	,4607

Anexo XVII - ANOVA *one-way*

1. ANOVA *one-way* - F-Copes Factor Mobilização de Apoio Formal * Género

Between-Subjects Factors

		Value Label	N
género	1	M	185
	2	F	398

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable:FCOPES_MobilizaçãoApoioFormal

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Corrected Model	11,618 ^a	1	11,618	1,246	,265
Intercept	34822,019	1	34822,019	3734,962	,000
Género	11,618	1	11,618	1,246	,265
Error	5416,814	581	9,323		
Total	45080,000	583			
Corrected Total	5428,432	582			

2. ANOVA *one-way* - F-Copes Factor Mobilização de Apoio Formal * Local de Residência

Between-Subjects Factors

		Value Label	N
local residência	1	predominante/urbano	195
	2	mediana/ urbano	195
	3	predominante/ rural	178

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable:FCOPES_MobilizaçãoApoioFormal

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Corrected Model	6,295 ^a	2	3,148	,406	,666
Intercept	40580,096	1	40580,096	5240,629	,000
residencia	6,295	2	3,148	,406	,666
Error	4375,000	565	7,743		
Total	45080,000	568			
Corrected Total	4381,296	567			

Anexo XVIII - ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Aceitação Passiva * Género * Variáveis Mediadoras

1. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Aceitação Passiva * Género * Idade

	GL	F	p
Género	1	,371	,543
Idade1	7	2,735	,008
Género * Idade1	7	,508	,829

2. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Aceitação Passiva * Género * Nível Socioeconómico

	GL	F	p
Género	1	,047	,829
nivelsociodemografico	2	4,637	,010
Género * nivelsociodemografico	2	,743	,476

3. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Aceitação Passiva * Género * Estado Civil

	GL	F	p
Género	1	,285	,594
estadocivil	5	1,219	,299
Género * estadocivil	4	,099	,983

4. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Aceitação Passiva * Género * Etapa do Ciclo Vital da Família

	GL	F	p
Género	1	,176	,675
ciclovital	7	1,068	,383
Género * ciclovital	7	,359	,926

5. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Aceitação Passiva * Género * Local de Residência

	GL	F	p
Género	1	,048	,826
residencia	2	,010	,990
Género * residencia	2	1,095	,335

Anexo XIX - Teste de *Bonferroni* - F-Copes Factor Aceitação Passiva * Género * Variáveis Mediadoras

1. Teste de *Bonferroni* - F-Copes Factor Aceitação Passiva * Género * Idade

Multiple Comparisons

FCOPES_AceitaçãoPassiva

Bonferroni

(I) Idade1	(J) Idade1	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
1,00	2,00	,9618	,49745	1,000	-,5995	2,5230
	3,00	1,3823	,48945	,137	-,1538	2,9185
	4,00	1,6104 [*]	,48990	,030	,0728	3,1480
	5,00	1,8583 [*]	,52260	,011	,2181	3,4985
	6,00	,6965	,61346	1,000	-1,2289	2,6219
	7,00	,3097	,76930	1,000	-2,1048	2,7242
	8,00	,8927	,88389	1,000	-1,8815	3,6668
2,00	1,00	-,9618	,49745	1,000	-2,5230	,5995
	3,00	,4206	,35255	1,000	-,6859	1,5271
	4,00	,6487	,35317	1,000	-,4598	1,7571
	5,00	,8965	,39729	,684	-,3504	2,1434
	6,00	-,2653	,51094	1,000	-1,8689	1,3384
	7,00	-,6521	,69032	1,000	-2,8187	1,5145
	8,00	-,0691	,81608	1,000	-2,6304	2,4922
3,00	1,00	-1,3823	,48945	,137	-2,9185	,1538
	2,00	-,4206	,35255	1,000	-1,5271	,6859
	4,00	,2281	,34181	1,000	-,8447	1,3009
	5,00	,4759	,38723	1,000	-,7394	1,6913
	6,00	-,6858	,50315	1,000	-2,2650	,8934
	7,00	-1,0727	,68458	1,000	-3,2213	1,0759
	8,00	-,4897	,81123	1,000	-3,0358	2,0564
4,00	1,00	-1,6104 [*]	,48990	,030	-3,1480	-,0728
	2,00	-,6487	,35317	1,000	-1,7571	,4598
	3,00	-,2281	,34181	1,000	-1,3009	,8447
	5,00	,2479	,38780	1,000	-,9693	1,4650
	6,00	-,9139	,50359	1,000	-2,4945	,6666
	7,00	-1,3008	,68490	1,000	-3,4504	,8489

	8,00		-,7178	,81150	1,000	-3,2647	1,8292
5,00	1,00		-1,8583	,52260	,011	-3,4985	-,2181
	2,00		-,8965	,39729	,684	-2,1434	,3504
	3,00		-,4759	,38723	1,000	-1,6913	,7394
	4,00		-,2479	,38780	1,000	-1,4650	,9693
	6,00		-1,1618	,53546	,852	-2,8423	,5188
	7,00		-1,5486	,70866	,820	-3,7728	,6756
	8,00		-,9656	,83165	1,000	-3,5758	1,6446
6,00	1,00		-,6965	,61346	1,000	-2,6219	1,2289
	2,00		,2653	,51094	1,000	-1,3384	1,8689
	3,00		,6858	,50315	1,000	-,8934	2,2650
	4,00		,9139	,50359	1,000	-,6666	2,4945
	5,00		1,1618	,53546	,852	-,5188	2,8423
	7,00		-,3868	,77809	1,000	-2,8289	2,0552
	8,00		,1962	,89155	1,000	-2,6020	2,9943
7,00	1,00		-,3097	,76930	1,000	-2,7242	2,1048
	2,00		,6521	,69032	1,000	-1,5145	2,8187
	3,00		1,0727	,68458	1,000	-1,0759	3,2213
	4,00		1,3008	,68490	1,000	-,8489	3,4504
	5,00		1,5486	,70866	,820	-,6756	3,7728
	6,00		,3868	,77809	1,000	-2,0552	2,8289
	8,00		,5830	1,00516	1,000	-2,5718	3,7378
8,00	1,00		-,8927	,88389	1,000	-3,6668	1,8815
	2,00		,0691	,81608	1,000	-2,4922	2,6304
	3,00		,4897	,81123	1,000	-2,0564	3,0358
	4,00		,7178	,81150	1,000	-1,8292	3,2647
	5,00		,9656	,83165	1,000	-1,6446	3,5758
	6,00		-,1962	,89155	1,000	-2,9943	2,6020
	7,00		-,5830	1,00516	1,000	-3,7378	2,5718

2. Teste de *Bonferroni* - F-Copes Factor Aceitação Passiva * Género * Nível Socioeconómico

Multiple Comparisons

FCOPES_AceitaçãoPassiva

Bonferroni

(I) nível sócio-económico	(J) nível sócio-económico	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
Baixo	médio	,5756 [*]	,21650	,024	,0557	1,0954
	elevado	,0736	,36352	1,000	-,7993	,9464
Médio	baixo	-,5756 [*]	,21650	,024	-1,0954	-,0557
	elevado	-,5020	,34393	,435	-1,3278	,3238
Elevado	baixo	-,0736	,36352	1,000	-,9464	,7993
	médio	,5020	,34393	,435	-,3238	1,3278

Anexo XX - ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Avaliação Passiva * Género * Variáveis Mediadoras

1. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Avaliação Passiva * Género * Idade

	GL	F	p
Género	1	,000	,993
Idade1	7	1,236	,281
Género * Idade1	7	1,392	,206

2. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Avaliação Passiva * Género * Nível Socioeconómico

	GL	F	p
Género	1	,401	,527
nivelsociodemografico	2	6,709	,001
Género * nivelsociodemografico	2	1,023	,360

3. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Avaliação Passiva * Género * Estado Civil

	GL	F	p
Género	1	3,717	,054
estadocivil	5	3,407	,005
Género * estadocivil	4	1,650	,160

4. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Avaliação Passiva * Género * Etapa do Ciclo Vital da Família

	GL	F	p
Género	1	,255	,614
ciclovital	7	1,277	,259
Género * ciclovital	7	,533	,810

5. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Avaliação Passiva * Género * Local de Residência

	GL	F	p
Género	1	2,037	,154
residencia	2	,539	,584
Género * residencia	2	1,834	,161

Anexo XXI - Teste de *Bonferroni* - F-Copes Factor Avaliação Passiva * Género * Variáveis Mediadoras

1. Teste de *Bonferroni* - F-Copes Factor Aceitação Passiva * Género * Nível Socioeconómico

Multiple Comparisons

FCOPES_AvaliaçãoPassiva

Bonferroni

(I) nível sócio-económico	(J) nível sócio-económico	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
Baixo	médio	,6829 [*]	,19957	,002	,2037	1,1621
	elevado	,6449	,33985	,175	-,1711	1,4610
médio	baixo	-,6829 [*]	,19957	,002	-1,1621	-,2037
	elevado	-,0380	,32214	1,000	-,8115	,7355
elevado	baixo	-,6449	,33985	,175	-1,4610	,1711
	médio	,0380	,32214	1,000	-,7355	,8115

2. Teste de *Bonferroni* - F-Copes Factor Aceitação Passiva * Género * Estado Civil

Multiple Comparisons

FCOPES_AvaliaçãoPassiva

Bonferroni

(I) estado civil	(J) estado civil	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
Solteiro	casado	-,5926	,25413	,301	-1,3418	,1566
	união de facto	,3023	,36887	1,000	-,7852	1,3897
	divorciado	-,6452	,47212	1,000	-2,0370	,7466
	separado	-,3341	,98661	1,000	-3,2426	2,5744
	viúvo	-2,1769 [*]	,61748	,007	-3,9973	-,3566
Casado	solteiro	,5926	,25413	,301	-,1566	1,3418
	união de facto	,8949	,30981	,060	-,0184	1,8082
	divorciado	-,0526	,42757	1,000	-1,3131	1,2079
	separado	,2585	,96608	1,000	-2,5895	3,1065
	viúvo	-1,5843	,58412	,103	-3,3063	,1376
união de facto	solteiro	-,3023	,36887	1,000	-1,3897	,7852

	casado	-8949	,30981	,060	-1,8082	,0184
	divorciado	-,9475	,50428	,912	-2,4341	,5391
	separado	-,6364	1,00240	1,000	-3,5914	2,3187
	viúvo	-2,4792*	,64241	,002	-4,3730	-,5854
Divorciado	solteiro	,6452	,47212	1,000	-,7466	2,0370
	casado	,0526	,42757	1,000	-1,2079	1,3131
	união de facto	,9475	,50428	,912	-,5391	2,4341
	separado	,3111	1,04481	1,000	-2,7690	3,3912
	viúvo	-1,5317	,70677	,460	-3,6153	,5518
Separado	solteiro	,3341	,98661	1,000	-2,5744	3,2426
	casado	-,2585	,96608	1,000	-3,1065	2,5895
	união de facto	,6364	1,00240	1,000	-2,3187	3,5914
	divorciado	-,3111	1,04481	1,000	-3,3912	2,7690
	viúvo	-1,8429	1,11804	1,000	-5,1388	1,4531
Viúvo	solteiro	2,1769*	,61748	,007	,3566	3,9973
	casado	1,5843	,58412	,103	-,1376	3,3063
	união de facto	2,4792*	,64241	,002	,5854	4,3730
	divorciado	1,5317	,70677	,460	-,5518	3,6153
	separado	1,8429	1,11804	1,000	-1,4531	5,1388

Anexo XXII - ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Total * Género * Variáveis Mediadoras

1. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Total * Género * Idade

	GL	F	p
Género	1	,013	,911
Idade1	7	1,768	,091
Género * Idade1	7	,599	,757

2. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Total * Género * Nível Socioeconómico

	GL	F	p
Género	1	2,684	,102
nivelsociodemografico	2	7,675	,001
Género * nivelsociodemografico	2	,219	,803

3. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Total * Género * Estado Civil

	GL	F	p
Género	1	1,297	,255
estadocivil	5	4,899	,000
Género * estadocivil	4	,656	,623

4. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Total * Género * Etapa do Ciclo Vital da Família

	GL	F	p
Género	1	,021	,886
ciclovital	7	1,337	,231
Género * ciclovital	7	,407	,898

5. ANOVA *two-way* - F-Copes Factor Total * Género * Local de Residência

	GL	F	p
Género	1	4,903	,027
residencia	2	,029	,971
Género * residencia	2	,722	,486

Anexo XXIII - Teste de *Bonferroni* - F-Copes Factor Total * Género * Variáveis Mediadoras

1. Teste de *Bonferroni* - F-Copes Factor Total * Género * Nível Socioeconómico

Multiple Comparisons

FCOPES_Total

Bonferroni

(I) nível sócio-económico	(J) nível sócio-económico	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
baixo	médio	4,9744 [*]	1,23835	,000	2,0005	7,9483
	elevado	5,3555 [*]	2,12505	,036	,2522	10,4588
médio	baixo	-4,9744 [*]	1,23835	,000	-7,9483	-2,0005
	elevado	,3811	2,01614	1,000	-4,4607	5,2229
elevado	baixo	-5,3555 [*]	2,12505	,036	-10,4588	-,2522
	médio	-,3811	2,01614	1,000	-5,2229	4,4607

2. Teste de *Bonferroni* - F-Copes Factor Total * Género * Estado Civil

Multiple Comparisons

FCOPES_Total

Bonferroni

(I) estado civil	(J) estado civil	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
solteiro	casado	-3,2627	1,56838	,570	-7,8872	1,3617
	união de facto	5,8781	2,27628	,151	-,8336	12,5898
	divorciado	-4,2553	2,87310	1,000	-12,7268	4,2161
	separado	-7,3294	5,98494	1,000	-24,9763	10,3174
	viúvo	-11,0794	4,01069	,089	-22,9051	,7463
casado	solteiro	3,2627	1,56838	,570	-1,3617	7,8872
	união de facto	9,1409 [*]	1,91346	,000	3,4990	14,7828
	divorciado	-,9926	2,59511	1,000	-8,6444	6,6592
	separado	-4,0667	5,85657	1,000	-21,3350	13,2017
	viúvo	-7,8167	3,81648	,616	-19,0697	3,4364
união de facto	solteiro	-5,8781	2,27628	,151	-12,5898	,8336

	casado	-9,1409 ⁺	1,91346	,000	-14,7828	-3,4990
	divorciado	-10,1335 ⁺	3,07509	,016	-19,2005	-1,0664
	separado	-13,2075	6,08449	,456	-31,1479	4,7328
	viúvo	-16,9575 ⁺	4,15778	,001	-29,2169	-4,6982
divorciado	solteiro	4,2553	2,87310	1,000	-4,2161	12,7268
	casado	,9926	2,59511	1,000	-6,6592	8,6444
	união de facto	10,1335 ⁺	3,07509	,016	1,0664	19,2005
	separado	-3,0741	6,33201	1,000	-21,7443	15,5961
	viúvo	-6,8241	4,51225	1,000	-20,1286	6,4805
separado	solteiro	7,3294	5,98494	1,000	-10,3174	24,9763
	casado	4,0667	5,85657	1,000	-13,2017	21,3350
	união de facto	13,2075	6,08449	,456	-4,7328	31,1479
	divorciado	3,0741	6,33201	1,000	-15,5961	21,7443
	viúvo	-3,7500	6,92280	1,000	-24,1622	16,6622
viúvo	solteiro	11,0794	4,01069	,089	-,7463	22,9051
	casado	7,8167	3,81648	,616	-3,4364	19,0697
	união de facto	16,9575 ⁺	4,15778	,001	4,6982	29,2169
	divorciado	6,8241	4,51225	1,000	-6,4805	20,1286
	separado	3,7500	6,92280	1,000	-16,6622	24,1622

Anexo XXIV - Teste *U* Mann Whitney – FILE

	FILE_Total
Mann-Whitney U	17749,000
Wilcoxon W	29225,000
Z	-2,596
Asymp. Sig. (2-tailed)	,009

	Género	N	Mean Rank	Sum of Ranks
FILE_Total	M	151	193,54	29225,00
	F	277	225,92	62581,00
	Total	428		

Anexo XXV - Kruskal-Wallis – FILE * Variáveis Mediadoras

		Idade	Nível Socioeconómico	Etapa Ciclo Vital	Estado Civil	Local de Residência
FILE_Total Homens	X²_{KM}	45,013	,149	31,543	58,387	12,234
	GL	7	2	7	4	2
	p	,000	,928	,000	,000	,002

		Idade	Nível Socioeconómico	Etapa Ciclo Vital	Estado Civil	Local de Residência
FILE_Total Mulheres	X²_{KM}	67,460	3,163	31,952	63,896	13,250
	GL	7	2	7	5	2
	p	,000	,206	,000	,000	,001

1. Kruskal-Wallis – FILE * Nível Socioeconómico

	Nível Socioeconómico	N	Mean Rank
FILE_Total Homens	baixo	43	73,70
	Médio	95	76,54
	elevado	12	73,75
	Total	150	

	Nível Socioeconómico	N	Mean Rank
FILE_Total Mulheres	baixo	98	131,68
	Médio	146	141,07
	elevado	25	112,56
	Total	269	

2. Kruskal-Wallis – FILE * Idade

	Idade	N	Mean Rank		Idade	N	Mean Rank
FILE_Total Homens	1,00	18	15,50	FILE_Total Mulheres	1,00	21	24,52
	2,00	29	78,57		2,00	53	146,92
	3,00	34	93,59		3,00	83	158,26
	4,00	25	94,00		4,00	66	164,27
	5,00	25	76,40		5,00	25	144,72
	6,00	12	74,58		6,00	17	103,88
	7,00	5	77,50		7,00	7	65,64
	8,00	3	64,67		8,00	5	76,20
Total	151		Total	277			

3. Kruskal-Wallis – FILE * Etapa do Ciclo Vital da Família

	Etapa Ciclo Vital	N	Mean Rank
FILE_Total Homens	casal sem filhos	26	85,17
	filhos pequenos ou pré-escolar	22	106,91
	filhos idade escolar	15	86,27
	filhos adolescentes	25	40,72
	família lançadora	39	76,13
	família na reforma	4	68,88
	ninho vazio	17	72,00
	Não se aplica	3	43,00
FILE_Total Mulheres	casal sem filhos	42	162,49
	filhos pequenos ou pré-escolar	29	148,24
	filhos idade escolar	49	170,33
	filhos adolescentes	41	125,62
	família lançadora	77	136,65
	família na reforma	4	106,63
	ninho vazio	30	91,33
	não se aplica	5	38,90
	Total	277	

4. *Kruskal-Wallis* – FILE * Estado Civil

	Estado Civil	N	Mean Rank
FILE_Total Homens	solteiro	26	20,73
	casado	105	85,90
	união de facto	15	106,23
	divorciado	2	61,50
	separado	2	25,25
	Total	150	

	Estado Civil	N	Mean Rank
FILE_Total Mulheres	solteiro	39	55,01
	casado	172	140,44
	união de facto	34	193,53
	divorciado	17	157,35
	separado	1	101,00
	viúvo	6	109,50
	Total	269	

5. *Kruskal-Wallis* – FILE * Local de Residência

	Local de Residência	N	Mean Rank
FILE_Total Homens	predominantemente urbano	48	84,79
	medianamente urbano	4	83,91
	predominantemente rural	47	57,60
	Total	151	

	Local de Residência	N	Mean Rank
FILE_Total Mulheres	predominantemente urbano	94	158,32
	medianamente urbano	80	125,32
	predominantemente rural	95	120,08
	Total	269	

Anexo XXVI - Coeficiente de correlação de *Bravais-Pearson*

Correlations

		FCOPES_Total	adaptação dif. família
FCOPES_Total	Pearson Correlation	1	-,051
	Sig. (2-tailed)		,236
	N	558	541
adaptação dif. família	Pearson Correlation	-,051	1
	Sig. (2-tailed)	,236	
	N	541	569

Anexo XXVII - Coeficiente de Correlação *Ró de Spearman*

Correlations

			FILE_Total	stress na família
Spearman's rho	FILE_Total	Correlation Coefficient	1,000	,185**
		Sig. (2-tailed)	.	,000
		N	428	416
	stress na família	Correlation Coefficient	,185**	1,000
		Sig. (2-tailed)	,000	.
		N	416	568